



Universidade de Aveiro
2022

ZHANG ZICHEN

**SEMÂNTICA DOS VERBOS DE PERCEÇÃO EM
PORTUGUÊS E INGLÊS: UMA ANÁLISE
CONTRASTIVA EM PLE**



Universidade de Aveiro
2022

ZHANG ZICHEN

**SEMÂNTICA DOS VERBOS DE PERCEÇÃO EM
PORTUGUÊS E INGLÊS: UMA ANÁLISE
CONTRASTIVA EM PLE**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Português Língua Estrangeira/Língua Segunda, realizada sob a orientação científica do Doutor Fernando Jorge dos Santos Martinho, Professor Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

Dedico este trabalho aos meus pais pelo incansável apoio.

o júri

presidente

Prof^a. Doutora Rosa Lídia Torres do Couto Coimbra e Silva
Professora Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro

Prof^a Doutora Ana Teresa Brísio Marques dos Santos (arguente)
Leitora do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro

Prof. Doutor Fernando Jorge dos Santos Martinho (orientador)
Professor Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro

agradecimentos

Agradeço ao meu orientador, o Professor Fernando Martinho, a sua paciência e compreensão, a orientação profissional, a confiança que depositou em mim. Agradeço aos meus pais, o seu apoio.

palavras-chave

linguística aplicada, análise contrastiva, contacto linguístico, interferência linguística, interlíngua, português língua estrangeira, bilinguismo, multilinguismo, semântica, verbos de percepção.

resumo

O objetivo do presente trabalho é estudar e analisar a semântica dos verbos de percepção em português e inglês, bem como propor uma análise contrastiva entre as duas línguas utilizando conceitos da análise componencial e da estrutura argumental para o tratamento destes verbos. A intenção deste trabalho é resumir as diferenças semânticas entre os verbos de percepção em inglês e português e as dificuldades para os falantes de inglês em aprender e traduzir de e para português. Através do lançamento de um inquérito, estudar-se-ão as principais dificuldades sentidas por falantes anglófonos de língua portuguesa, associadas ao fenómeno de interferência linguística na aprendizagem e tradução deste tópico gramatical. Para ajudar os falantes de inglês a estudar e traduzir melhor os verbos de percepção, serão propostas algumas soluções para resolver os problemas encontrados. A primeira parte do estudo é a parte teórica, em que a semântica dos verbos de percepção será analisada; a segunda é a parte prática, em que será elaborado e lançado um questionário destinado a falantes de inglês que estejam a estudar português ou trabalhar como tradutores de inglês e português; a terceira parte é a conclusão do estudo, onde serão dadas sugestões didáticas para melhorar o processo de ensino-aprendizagem e tradução dos verbos de percepção.

keywords

applied linguistics, contrastive analysis, linguistic contact, linguistic interference, interlingua, Portuguese foreign language, bilingualism, multilingualism, semantics, perception verbs.

abstract

The aim of the present work is to study and analyse the semantics of the verbs of perception in Portuguese and English, as well as propose a contrastive analysis between the two languages, using theories of componential analysis and the structural argument for the treatment of verbs. The intention of this work is to summarize the semantic difference between the verbs of perception in English and Portuguese and the difficulties for English speakers in learning and translating from and to Portuguese. Through the launch of a survey, the main difficulties experienced by English-speaking Portuguese speakers associated with the phenomenon of linguistic interference in the learning and translation of this grammatical topic will be studied. To help English speakers to better study and translate perception verbs, some solutions to the problems encountered will be proposed. The study will have three parts, the first is the theoretical part, which the semantics of the perception verbs will be analysed, the second is the practical part, where a questionnaire will be launched to English speakers who are either studying Portuguese or working as an English-Portuguese translator, third part is the conclusion of the study, didactic suggestions will be given to improve the teaching learning and translation process of the perception verbs

Índice

0. Introdução.....	11
0.1. Escolha do tema.....	11
0.2. Questões de Investigação.....	12
0.3. Metodologia de Investigação.....	13
0.4. Organização do Projeto.....	13
1. Traços semânticos dos verbos de percepção.....	15
1.1. Enquadramento teórico.....	15
1.1.1. Linguística contrastiva.....	15
1.1.2. Semântica estrutural.....	19
1.1.3. Semântica lexical.....	23
1.1.4. Semântica cognitiva.....	25
1.2. Definição dos verbos de percepção.....	27
1.2.1. Glossário dos verbos de percepção.....	27
1.2.2. Verbos sensoriais e verbos epistémicos.....	29
1.2.3. Classificação comparada.....	32
1.3. Análise componencial dos verbos de percepção.....	34
1.3.1. Categorização dos verbos de percepção.....	34
1.3.2. Alguns casos de interferência léxico-semântica.....	35
2. Inquérito.....	43
2.1. Apresentação do inquérito.....	44
2.2. Análise do inquérito.....	46
2.2.1. Perfil dos inquiridos.....	46
2.2.2. Informações sobre os verbos de percepção.....	50
2.3. Análise dos dados.....	58
2.3.1. Análise das questões da Parte A.....	58
2.3.2. Análise das questões da Parte B.....	59
2.3.3. Erros frequentes.....	60
2.3.4. Interferência do Inglês.....	61
3. Conclusão.....	64
Bibliografia.....	67
Anexos.....	72

Lista de tabelas

(1) Tabela 1. Verbos de percepção em inglês no Levin (1993).....	28
(2) Tabela 2. Critérios em Faber & Mairal (1999).....	29
(3) Tabela 3. Exemplos de verbos sensoriais e epistémicos em português.....	30
(4) Tabela 4. Exemplos de verbos sensoriais e epistémicos em português	30
(5) Tabela 5. Fórmula da análise componencial de verbos do inglês.....	34
(6) Tabela 6. Fórmula da análise componencial de verbos de português.....	34
(7) Tabela 7. Exemplos de verbos sensoriais e epistémicos em português.....	35
(8) Tabela 8. Exemplos de verbos sensoriais e epistémicos em inglês.....	35
(9) Tabela 9. Resposta à pergunta 6 – verbos portugueses	58
(10) Tabela 10. Resposta à pergunta 6 – verbos ingleses.....	58

Lista de histogramas

(1) Histograma 2.1. Idade dos inquiridos.....	46
(2) Histograma 2.2. Sexo dos inquiridos.....	47
(3) Histograma 2.3. Nacionalidade dos inquiridos.....	48
(4) Histograma 2.4. Ocupação dos inquiridos.....	48
(5) Histograma 2.5. Bilinguismo dos inquiridos.....	49
(6) Histograma 2.6. Línguas estrangeiras dos inquiridos.....	50
(7) Histograma 2.7. Tempo de estudo dos inquiridos.....	50
(8) Histograma 2.8. Resposta da pergunta 2.1.....	53
(9) Histograma 2.9. Resposta da pergunta 3.....	54
(10) Histograma 3.0. Resposta da pergunta 5.2.....	56

0. Introdução

Estudos sobre verbos que refletem o progresso da capacidade cognitiva humana sempre foram populares no círculo linguístico. Em consequência, o estudo dos verbos de percepção atrai investigadores. Os verbos da percepção são relevantes para as ações físicas, envolvendo componentes semânticos complexos. Esta parte introduz os verbos de percepção e esclarece o motivo da escolha do tema, as questões de investigação e a metodologia de organização do projeto.

Os verbos de percepção (como "ver, ouvir, sentir") são importantes para os seres humanos, pois permitem expressar e refletir as suas percepções do mundo. São usados quando expressam percepções, ou seja, a ação de "tomar de conhecimento sensorial de objetos ou de acontecimentos exteriores" (*Dicionário Editora da Língua Portuguesa*, 2013).

As diferenças subtis no significado dos verbos de percepção na prática linguística aumentam a dificuldade dos alunos em dominar o conhecimento semântico dessas palavras, quer seja na língua nativa, quer seja numa língua estrangeira. Estudar as diferenças semânticas entre inglês e português, por exemplo, pode beneficiar a seleção precisa do vocabulário na prática de tradução e aprendizagem, áreas em que estes tipos de verbos muitas vezes são usados incorretamente.

0.1. Escolha do tema

Uma grande parte da nossa cognição do mundo é baseada na percepção, pelo que os verbos de percepção geralmente são de uso frequente na nossa linguagem diária. Existe um glossário amplo de verbos de percepção relacionados com os cinco sentidos – visão, audição, tato, olfação, paladar - em línguas como inglês e português, como "*look, gaze, feel, hear, notice*" e "*olhar, mirar, observar, sentir, cheirar*" respetivamente.

Além disso, quando eu estava a estudar na universidade na China, descobri que os professores portugueses usavam o inglês para ensinar português e tentavam sempre usar o verbo mais simples para expressar a percepção quando ensinavam português: por exemplo, um professor ensinava 'ver' como ' *watch* 'e' *look* ', embora haja diferenças semânticas entre

ambos. Depois, quando eu trabalhava como um tradutor, descobri que alguns dos verbos de percepção em inglês não tinham uma tradução precisa em português. Por exemplo, "*to sightsee*" em inglês era traduzido como "*passar*" em português, quando este último, na verdade, não é um verbo de percepção.

As diferenças subtis entre as palavras causam, como é previsível, confusão no campo da tradução e do ensino, particularmente na aquisição de uma segunda língua, no entanto, em termos de investigação linguística, podemos basear-nos em ferramentas como a análise componencial para identificar as diferenças e resolver essa confusão.

Além disso, Santos (1996), acerca dos verbos de percepção, refere que “o uso de dois conjuntos aparentemente equivalentes de verbos nas duas línguas é consideravelmente diferente” (Santos, 1996:448). “O uso” de que fala a autora é relativo à seleção do verbo como um elemento da frase, pois a diferença de uso entre duas línguas pode estar relacionada com diferenças nos padrões de lexicalização. O termo “lexicalização” é usado aqui para se referir à formação de componentes conceituais numa unidade lexical, seja uma palavra ou um morfema, e o termo “padrões de lexicalização” refere-se a regularidades que tais componentes verificam. (Rappaport & Levin 2015:2).

0.2. Questões de Investigação

A presente investigação pretende explorar e comparar componentes semânticos e padrões de lexicalização dos verbos de percepção ingleses e portugueses. Tentaremos responder às três perguntas seguintes:

1. Quais são as semelhanças e diferenças na semântica componencial dos verbos de percepção ingleses e portugueses?
2. Quais são as diferenças entre equivalentes verbais de acordo com falantes de inglês e falantes de português?
3. Como os dados podem ajudar na aquisição da segunda língua e na tradução?

0.3. Metodologia de Investigação

Ao visar estes problemas, a presente investigação adota principalmente o método de análise de dados. Em primeiro lugar, o glossário de verbos de percepção ingleses e portugueses é extenso. De acordo com a definição dos verbos de percepção, os dados relativos ao inglês baseiam-se principalmente nos estudos do Levin (1993) e o glossário foi edificado com base no *Longman Dictionary of Contemporary English* (2009), totalizando 92 verbos. Os dados portugueses foram recolhidos principalmente no *Dicionário Editora da Língua Portuguesa* (2013), totalizando 59 verbos de percepção nesta língua. Além disso, relativamente aos objetivos da investigação, o *Dicionário Editora de Português-Inglês* (2009) é também uma ferramenta adequada para comparar os componentes semânticos dos verbos de percepção nas duas línguas. Para recolher algumas frases envolvendo verbos de percepção e tornar o estudo mais preciso, também são usados nesta investigação o *Corpus of Contemporary American English* e o *Corpus do Português: AGORA*. Por fim, relativamente a questões práticas relacionadas com a sua tradução ou a sua aquisição, será feito um inquérito a falantes de inglês e de português sobre verbos de percepção, de forma a analisar dados e identificar interferências.

0.4. Organização do Projeto

A investigação é distribuída em três partes:

A parte um é teórica e apresenta a investigação anterior sobre o estudo semântico destes verbos, incluindo as teorias relevantes da área da linguística e semântica contrastivas, como a composicionalidade, a estrutura argumental dos predicados, (Teoria Temática), a análise componencial e o aspeto lexical.

Depois da introdução das teorias, serão identificados os elementos semânticos dos verbos de percepção nas duas línguas, que incluem aqueles que podemos extrair do dicionário e aqueles que não podemos.

A parte dois corresponde ao estudo prático das questões relacionadas com as hipóteses formuladas na parte teórica. Assim, alguns verbos do glossário geral dos verbos de percepção serão incluídos num questionário destinado a coletar junto de falantes de inglês e de

português dados sobre a tradução e a aquisição deste tipo de verbo, os quais serão seguidamente analisados para complementar a investigação.

A parte três inclui os resultados da análise contrastiva dos verbos de percepção nas duas línguas e uma discussão sobre o que esta investigação permite concluir sobre este tema.

1. Traços semânticos dos verbos de percepção

Esta primeira parte é relativa ao quadro teórico e discute principalmente os traços semânticos dos verbos de percepção e os modelos relacionados.

1.1. Enquadramento teórico

1.1.1. Linguística contrastiva

Tendo em conta que esta investigação se apresenta como um estudo sobre os contrastes semânticos entre alguns tipos de verbos em duas línguas em contacto, começamos por deixar algumas noções gerais sobre questões de linguística contrastiva. O termo “linguística contrastiva” foi forjado pelo linguista e antropólogo americano Benjamin Lee Whorf num artigo intitulado *Languages and logic* publicado em 1956¹, em que são distinguidas a linguística comparativa e a linguística contrastiva. Esta última é, nas suas palavras: “*of even greater importance for the future technology of thought*” e “*plots the outstanding differences among tongues – in grammar, logic, and general analysis of experience.*”(Whorf, 1956:240)

De forma a melhorar o conhecimento das dificuldades do domínio e compreensão de uma segunda língua, a teoria contrastiva foi progressivamente alargada e aplicada a áreas como o ensino das línguas e a tradução. Assim, em 1945, Charles Fries iniciou o estudo contrastivo com base na comparação entre dois sistemas de língua materna e língua estrangeira, em situação de aprendizagem de uma língua estrangeira, referindo:

- (1.) “*the most effective materials are those that are based on a scientific description of the language to be learned, carefully compared with a parallel description of the native language of the learner.*” (Fries, 1945)

Como vimos, o objetivo da teoria contrastiva é prever e contabilizar as dificuldades na aquisição da segunda língua, por meio de uma comparação entre as regras das duas

¹ Whorf B.L (1956) “*Language and Logic*”, in *Language, Thought and Reality. Selected writings of Benjamin Lee Whorf*; ed. Carroll J.B., – Cambridge, Mass.: The MIT Press

línguas. Nos anos 1950, foi publicado por Lado o livro *Linguistics Across Cultures* (Lado, 1957), no qual o autor enfatiza que:

(2.) “*contrastive linguistics compares the structures of two languages to determine the point where they differ, and these differences are the chief source of difficulty in learning a second language*” (Lado, 1957:1)

ou seja, a principal origem da dificuldade de aprendizagem é a diferença entre os códigos e as interferências assim causadas.

Di Pietro (1971) tem uma visão mais ampla sobre a análise contrastiva, declarando que as restrições universais nas línguas são a base para a implementação de análise contrastiva, referindo que:

(3.) “*below the superficial differences of race, every man has the genetic endowment of his species, which includes language ability so that he may communicate with others in society, and in addition to these needs of communication, man’s logic leads him to place some universal constraints on the form of his language.*” (Di Pietro, 1971:5)

Di Pietro explica as restrições como “*universally shared characteristics of human language*”. Além das restrições universais nas diferentes línguas, é claro que existem diferenças específicas a cada língua, pois sem diferenças, as línguas tornam-se iguais. Ou seja, elementos particulares que podem ser encontrados numa língua A não existem numa língua B, ou vice-versa. Di Pietro nota que a dificuldade na aquisição da língua estrangeira (língua B) pode ser causada pelo facto de os novos elementos não existirem na sua língua materna (língua A), observando que

(4.) “*there are two types of operation which would be necessary in terms of goal and source language: (1) Rules are added where the source language has none. (2) There is also deletion of rules where the source language makes grammatical distinctions not found in the goal language.*” (Di Pietro, 1971:16).

Por exemplo, Santos (1996) nota que no inglês não existe uma forma verbal que seja exatamente equivalente ao "Pretérito Imperfeito" do português (Santos, 1996:425):

- (5.) a. Uma noite cerrada em que nada se via,
b. *an overcast night in which nothing could be seen*

Lado e Fries afirmam que o problema mais grave que afeta a aquisição de língua segunda é a interferência da língua materna. Weinreich (1970) deixa do conceito de “interferência” a seguinte definição:

- (6.) “*The term interference implies the rearrangement of patterns that result from the introduction of foreign elements into the more highly structured domains of language such as the bulk of the phonemic system, a large part of the morphology and syntax, and some areas of the vocabulary (kinship, color, weather, etc.)*” (Weinreich, 1970:123).

Ou seja, a teoria de interferência pode acontecer em qualquer nível da análise linguística: morfologia, fonologia, sintaxe, semântica, etc. Weinreich explica que uma manifestação de teoria da interferência é que “os elementos” sejam emprestados da língua A quando aprendida a língua B. Contudo, um outro tipo de interferência, a *interlingual identification*, (Weinreich, 1953) não implica sequer a transferência de elementos: *Interlingual identification* que pode acontecer com fonemas ou semantemas, significa que, nessas áreas, a aprendizagem da segunda língua é afetada pela língua materna mesmo que não haja novos elementos. Weinrich nota por exemplo que:

- (7.) “*a Yiddish-speaking immigrant in the United States, for example, report that to him English cold and his dialectal Yiddish /kolt/ cold were, phonemically, the same word.*” e “*Identification of the word order patterns may cause the learner to violate English order by constructing a sentence of the type S+ O+ V, e.g. I him see, which is perfectly admissible in Russian.*” (Weinreich, 1970)

Assim, a presente investigação é, da mesma forma, baseada na análise contrastiva e principalmente na interferência semântica – neste caso entre verbos de percepção. De acordo com Weinreich, como vimos, o problema da interferência gramatical provém da complexidade das gramáticas. Contudo, o requisito principal para uma análise sistemática da interferência gramatical é que, numa situação determinada, ambas as línguas possam ser

descritas nos mesmos termos, ou seja, o português e o inglês ambos usam, por exemplo, verbos de percepção para “tomar de conhecimento sensorial de objetos”.

Uma outra área da linguística contrastiva aplicada considerada relevante para os problemas da aprendizagem da segunda língua é a análise de erros. No seu livro “*Error and Interlanguage*”, Pit Corder (1981) declara:

(8.) “While *contrastive studies are undertaken in order to discover and describe the differences, error analysis confirms or disproves the prediction of the theory lying behind bilingual comparison. In this sense error analysis is an experimental technique for validating the theory of transfer.*” (Corder, 1981:35)

Neste quadro, “*the theory of transfer*” corresponde à teoria da interferência mencionada acima. De acordo com Corder, há dois conceitos diferentes em relação aos erros. Por um lado, se conseguíssemos um método de ensino perfeito, os erros nunca seriam cometidos, e a ocorrência dos erros seria um sinal da inadequação do método. Por outro lado, acredita-se que vivemos num mundo imperfeito e, conseqüentemente, os erros sempre ocorrerão apesar dos nossos esforços. Ambos os conceitos são aplicáveis à aquisição da linguagem, contudo, os erros na língua materna são diferentes dos de uma língua estrangeira, pois normalmente não consideramos a palavra ou a frase “incorreta” de uma criança como sendo um “erro”, mas como “*evidence that he is in the process of acquiring language*”. (Corder, 1978:25). Ao contrário das crianças, os estudantes de uma língua segunda usam um sistema definido de linguagem no seu desenvolvimento e os erros de interlíngua são sistemáticos. Corder qualifica os erros sistemáticos de “*errors*”, e os não sistemáticos de “*mistakes*”, e menciona que “*mistakes*” não têm significado para “*the process of language learning*” (Corder, 1967:167)

Corder levanta assim a hipótese de que algumas das estratégias usadas por aprendizes da língua estrangeira são essencialmente as mesmas usadas por crianças para aprender a sua língua materna. Dessa forma, os erros dos estudantes de língua segunda ganham um novo significado: a ocorrência de erros sistemáticos pode ser considerada como uma indicação de participação ativa do estudante no processo de aprendizagem. Ou seja, os erros não são vistos como indicativos da incapacidade em aprender a língua-alvo (língua segunda), mas são vistos positivamente, como evidência de que os estudantes estão ativamente envolvidos em testar hipóteses sobre o sistema linguístico da língua-alvo. O termo “interlíngua” foi por isso introduzido por Selinker (1972), que sustenta que quando uma pessoa tenta aprender uma

segunda língua após ter adquirido o “significado” na língua materna², as palavras ou as frases que serão produzidas não são idênticas às produzidas por falantes nativos da língua-alvo, nem são “traduções” exatas da língua nativa do estudante. Assim, um novo sistema será desenvolvido, a *interlíngua*. Selinker (1972) acredita que provas da interlíngua podem ser encontradas nas “*fossilizations*”³, ou seja, características de falantes de língua segunda que são diferentes das regras da língua-alvo até mesmo após anos de instrução e exposição. As “*fossilizations*”, para Selinker,

(9.) “*though absent from the speech of learners under normal conditions, tend to reappear in their performances when they are forced to deal with difficult material, when either anxious or in an extremely relaxed state*” (Selinker, 1972:215).

Ou seja, o reaparecimento é sistemático e é usado como evidência de interlíngua.

1.1.2. Semântica estrutural

O método da análise contrastiva, seguindo Lado (1964), no seu livro “*Linguistics across culture*” é de natureza estrutural:

(10.) “*We begin with an analysis of the foreign language and compare its structure by structure with the native language. For each structure we need to know if there is a structure in the native language (1) signaled the same way, that is, by the same formal device, (2) having the same meaning, and (3) similarly distributed in the system of that language.*” (Lado, 1964 :66).

F. De. Saussure (1916), o fundador da linguística estrutural, acreditava que a língua é “*un système dont tous les termes sont solidaires et où la valeur de l’un ne résulte que de la présence simultanée des autres*” (Saussure, 1916 :159). As suas ideias foram fonte de inspiração da linguística estrutural, e afetam muitos modelos linguísticos, por exemplo, a teoria dos campos lexicais de Jost Trier (1931) e a semântica baseada em Kripke, em

² “*In a given situation, the utterances produced by a learner are different from those native speakers would produce had they attempted to convey the same meaning.*” Cf. Selinker (1972).

³ Em português “fossilização”.

particular a semântica relacional (Hughes, 1996). Para Saussure, cada língua é uma estrutura ou sistema, e as unidades linguísticas (morfemas, fonemas, etc.) são pontos numa estrutura. A teoria do signo linguístico, proposta por Saussure, ilustra a relação que se estabelece entre um significante e um significado. A forma física do signo, seja a linguagem escrita ou falada, é o seu significante, e o seu significado é o conceito que se tem da palavra, ou seja, a realidade que a palavra representa. Por exemplo, quando escrevemos ou dizemos a palavra “mocho”, imediatamente visualizamos um pássaro com penas e olhos grandes.

Baseado na explicitação da teoria do signo de que "*la linguistique travaille donc sur le terrain limitrophe où les éléments des deux ordres se combinent ; cette combinaison produit une forme, non une substance.*" (Saussure, 1916:158), Hjelmslev (1943) reelabora a noção de signo, que, em vez de ter dois níveis – forma e substância – passa a ter três: a matéria, a substância e a forma. Em *Omkring sprogteoriens grundlaeggelse*, Hjelmslev propõe que o significado pode ser dividido, ou seja, o significado de um item lexical pode ser dividido em conjuntos menores. A palavra dele ilumina-nos para estudarmos os significados dos verbos.

Uma das contribuições da semântica estrutural é a "análise componencial". Hjelmslev é o primeiro a deixar um modelo de "semântica componencial" quando refere que "*beginning with complex meaning and reduces them to simpler ones, guided the meanings of other words.*" (citado por Cruse, 2000:98).⁴ Alguns anos depois, a noção de semântica componencial foi também desenvolvida por investigadores como Lamb, Weinreich e Katz & Fodor. Lyons (1977), um dos representantes dessa corrente semântica, define a análise componencial como "*one way of formalizing, or making absolutely precise, the sense-relations that are hold among lexemes*". (Lyons, 1977:107). A formulação componencial que ele destaca têm 3 componentes:

- (11.) a. *Sense-component*: “ADULTO” é um *sense-component* de “homem” e “mulher”.
- b. *Negation-operator*: é definido como “~”, “~ADULTO” significa “NÃO ADULTO”.

⁴ Contudo, o método da análise componencial também tinha sido usado previamente pelos antropólogos como um método técnico para descrever e comparar o vocabulário de parentesco em diferentes línguas.

c. *Conjunction*: é definido como “&”, “ADULTO & FEMININO” significa ser “ADULTO” e “FEMININO” no mesmo tempo.

Assim, seguindo a formulação de Lyons, a palavra “criança” inclui os componentes “HUMANO & ~ADULTO”.

Em suma, cada item lexical será inserido no dicionário com os seus componentes semânticos. Depois, um conjunto de regras de redundância aplica-se automaticamente para reduzir o número de componentes declarados para cada item. Assim, “*lexical relations can be stated in term of the components*” (Saeed, 1997:234).

Outro representante da corrente componencial é Katz, que aborda a teoria dos *semantic primes*⁵ referindo que: “*Like human birth, all with some innate capacities, there exists surely an expressible primitive in all languages.*” Assim, o dicionário “*Katziano*” pode explicar a palavra *bachelor* com base nos seguintes “primitivos semânticos” (adaptado de Katz & Fodor, 1963):

- (12.) *Bachelor*:
- a. (humano) (masculino) [aquele que nunca foi casado]
 - b. (humano) (masculino) [cavaleiro que serve sob outro cavaleiro]
 - c. (humano) [aquele que tem o grau académico mais baixo]
 - d. (animal) (masculino) [foca jovem sem companheira na época de reprodução]

Como vemos, este dicionário inclui 2 componentes. Primeiro, os assinalados entre parênteses (*i*), são “*semantic markers*”. Em segundo lugar, os assinalados entre colchetes [*i*], são “*distinguishers*” (cf. Saeed, 1997:237). A teoria de Katz é que algumas partes do significado de uma palavra são compartilhadas com outras palavras, mas outras são exclusivas dessa palavra. A ideia essencial da teoria é a tentativa de estabelecer uma metalinguagem semântica (no significado de linguagem simbólica que usamos para fazer referências às coisas), usando a teoria dos “*semantic primitives*” (Katz & Postal, 1964), através da identificação de componentes semânticos, ou seja, através da decomposição do significado. Pulman (1983) declara a teoria de Katz “*Markerese*”⁶ (de forma crítica). No

⁵ Uma teoria inicialmente desenvolvida por Anna Wierzbicka (1972).

⁶ Uma linguagem artificial que é feita só por ‘*semantic markers*’.

seu livro “*Word Meaning and Belief*”, ele nota que Katz usa de forma inadequada “*semantic primes*” para tentar caracterizar as relações semânticas de hiponímia, antonímia, sinonímia, etc., as quais envolvem uma complexidade intensiva. Portanto, a teoria de Katz foi considerada, nos termos de Pulman (1983), totalmente desnecessária:

(13.) “*Katz’s readings express entailments from the term under analysis, but that they do not constitute a biconditional definition, or full analysis of the meaning of that term... It is impossible to undertake a grammatical analysis that has in no way been influenced by meaning, and it is equally impossible to undertake an analysis purely based on meaning.*” (Pulman, 1983:8,45).

Pustejovsky (1991) também é um dos que se opõem aos “*semantic primes*”. Ele opõe-se à mera decomposição do significado em traços semânticos e, em vez disso, destaca aspectos inexplorados do significado lexical. O que ele pretende é “*to propose a new way of viewing decomposition, looking more at the generative or compositional aspects of lexical semantics, rather than decomposition into a specified number of primitives.*” (Pustejovsky, 1991:417).

Levin & Pinker (1994) e Grimshaw (1979) também são contra o modelo de primitivos semânticos. Eles enfatizam mais a função do comportamento sintático das palavras, ou seja, preferem usar “*lexical rules*” em vez de relações lexicais.

Por outro lado, embora a teoria “*semantic primes*” não seja apoiada por muitos linguistas, Katz & Fodor levam a outra área teórica: o princípio de composicionalidade. A composicionalidade consiste em que “*the meaning of a word is a compositional function of the meanings of its parts, and we would like to be able to capture this compositionality.*” (Katz & Fodor, 1963:191).

Assim, a ideia central da teoria de Katz & Fodor é a propriedade da recursividade e a composicionalidade. O princípio de composicionalidade é “*the principle that the meaning of an expression is a function of, and only of, the meanings of its parts together with the method by which those parts are combined*” (Pelletier, 1994:1), ou seja, o significado de uma frase é determinado pelos significados dos seus constituintes e pelo modo como estes estão combinados. Assim, a sequência “ver um cão” é composicional porque o significado

é obtido a partir do significado das suas palavras constitutivas: “ver”, “um” e “cão” (exemplo adaptado de Paiva Raposo, 2013). Contudo, o método de análise componencial é incompatível com o princípio da composicionalidade, o que leva Saeed a concluir que a semântica componencial *"departs from the principle of compositionality"* (Saeed, 2009:265)

1.1.3. Semântica lexical

Como o objeto desta investigação são os verbos e precisamos de saber o significado lexical dos verbos, devemos abordar a semântica lexical, que é o estudo do significado das palavras. Em *Lexical Semantics: Overview*, de Pustejovsky (2005), o autor refere que *"words are not mere bundles of semantic features but, rather, are structured and active participants in the grammatical and compositional operations inherent in language"*, ou seja, as palavras são unidades da semântica lexical, o que implica, em particular, que são categorias predicadoras providas de estrutura argumental, que Grimshaw (1990) define assim; *"Argument structure is projected from lexical semantic structures."*(Grimshaw, 1990:1).

Um argumento é uma expressão linguística referencial que serve para completar o significado de um predicado (por exemplo um verbo) numa frase. Assim, o argumento satura o que está a expressar o predicado e a estrutura argumental é a relação entre um predicado e os seus argumentos. Por exemplo, na frase “Mário caiu.” “caiu” é o verbo ou o predicador e “Mário” é o seu argumento (neste caso Tema).⁷

De acordo com Grimshaw (1990), a estrutura argumental é composta por um conjunto de argumentos identificados por *"theta role labels"* ou *"variables over arguments"*. A lista de *"Theta roles"* ou *"thematic roles"*, também *"thematic relations"* (Jackendoff, 1972) varia segundo os autores, mas segundo Dowty (1989), os principais são:

14. a. *Agent*: sujeito do verbo, por exemplo: “Mário” em “Mário bebe água”. (argumento externo)

⁷ De acordo com a “Gramática de Português” de Paiva Raposo (2013), na estrutura argumental de um verbo, o argumento que se realiza como sujeito chama-se *argumento externo* e os outros são *argumentos internos*.

b. *Patient*: objeto do verbo, por exemplo: “água” em “Mário bebe água”. (argumento interno)

c. *Experiencer*: a sede da experiência mental de um Agente. Por exemplo: “Mário” em “Mário gosta de água”. (aqui, argumento externo)

d. *Theme*: o argumento que está na condição ou posição imposta pelo predicado. Por exemplo: “Mário” em “Mário caiu”. (argumento interno, realizado como sujeito sintático do verbo inacusativo “cair”)

e. *Source e Goal*: o argumento é afetado e move-se de *Source* para *Goal*. Por exemplo: “Mário anda da porta para o quarto”, “porta” é *Source*, “quarto” é *Goal*. (argumentos internos)

Contudo, em vez de “*thematic roles*”, Levin & Rappaport (1988) propõem o conceito de “*lexical conceptual structures*” para resolver o problema da inconsistência dos “*thematic role*”, pois “*the near-paraphrase relation is no longer captured since there are two lists of roles*” (citados por López, 2001:54). Nas “*lexical conceptual structures*” que Levin & Rappaport propõem, os argumentos são identificados pelo uso de variáveis na definição conceitual do verbo, ou seja, não têm “*thematic roles*” determinados. Por exemplo, adaptado de Levin & Rappaport (1988):

(15.) João carregou o caminhão com feno.

Carregar: [[x causa, [z a estar no estado]] por meio de [x causa [y a estar no z]] (z=posição).

De acordo com Jackendoff (1990), existe uma associação entre a estrutura sintática e as representações temáticas (*thematic structure*, também *lexical conceptual structures*). A teoria temática, e a estrutura argumental de um predicador, implica a ligação entre a estrutura temática e a estrutura sintática. Jackendoff (1990) afirma que o método de “*decomposition*” é necessário para explorar a conceptualização, o que novamente nos leva à análise componencial. Contudo, não é possível fazer uma análise componencial sem

componentes, e para a investigação dos verbos de percepção⁸, precisamos de saber quais traços semânticos ou elementos semânticos esses verbos têm.

1.1.4. Semântica cognitiva

A origem da linguística cognitiva é a filosofia da linguagem, e é influenciada pela ciência cognitiva. A linguística cognitiva surgiu nos anos 1970 da rejeição das abordagens formais dominantes em linguística e filosofia (Evans, 2010). Os linguistas cognitivos assumem que:

- (16.)
1. a linguagem é o resultado da cognição. (*generalization commitment* de Lakoff, 1990)
 2. a “*representation*” conceitual (como as informações sobre a forma como as categorias são organizadas) é o resultado de como os corpos humanos interagem com o mundo. (*embodied cognition* do Lakoff, 1987)
 3. a gramática é conceptual. (Langacker, 1987; Talmy, 2000)
 4. não há distinção de princípios entre semântica e pragmática. (Fauconnier, 1997)

Com esses princípios, conclui-se que a semântica cognitiva é uma parte da linguística cognitiva. E como os verbos de percepção são claramente relacionados com a cognição humana⁹, os seus traços semânticos serão enquadrados na semântica cognitiva, pois segundo Gisborne (2010), “*verbs of perception are special precisely because they are directly embodied and experiential*” (Gisborne, 2010:181).

George Lakoff (1980) considera que a “*metáfora*” é comum na linguagem humana. Em “*Metaphors We Live By*” (1980), argumenta que “*metaphors partially structure our everyday concepts and that this structure is reflected in our literal language.*” (citado por Johnson & Lakoff, 1980:36). Através da metáfora, “*the eyes are containers of emotions*”, e

⁸ Gruber (1967:943) afirma que os verbos de percepção são “*verbs of motion of some sort*”.

⁹ A questão sobre a relação estrutural entre percepção e cognição é abordada por Tacca (2011), que argumenta que existem importantes semelhanças estruturais – em particular, ela argumenta que ambos envolvem representações sistemáticas.

podemos ver que um dos componentes semânticas dos verbos de percepção é a emoção (*emotion*).

Talmy (2000: 26) propõe vários elementos semânticos para descrever a noção de movimento: “*figure, ground, path, motion, manner, cause, etc.* que podemos considerar na investigação. Assim, para Talmy, a “*figure*” refere-se ao carácter principal ou a uma entidade móvel ou conceptual nos eventos de movimento, que pode ser humana, animal ou apenas uma coisa. O “*ground*” representa o ambiente do movimento ou uma entidade de referência estacionária, que pode ser vista como uma substância de referência da “*figure*”. O “*path*”, o percurso em que a “*figure*” se move, pode ser fictício. A “*Motion*”, a situação do “*figure*”, ou seja, está a mover ou não, ou a que velocidade. Em inglês, o “*path*” é geralmente ilustrado em preposições, mas o português usa sobretudo verbos para o expressar. A “*cause*” é incorporada em verbos ingleses para demonstrar o caminho e a razão. A “*manner*” é um elemento opcional, um componente do “*co-event*” (outro evento que ocorre simultaneamente), que pode ser ou não expresso, mas o “*path*” é um dos elementos centrais da estrutura de evento de movimento (Ungerer & Schmid, 2006: 220). Os eventos de movimento também podem incluir “*result, purpose, direction, time, mood, attitude*”. Estes não são tão elementares como os seis elementos semânticos.

Vejamos os exemplos seguintes (adaptado de Talmy, 1985:61):

- (17.) *The pencil (figure) rolled (motion & manner) off (path) the table (ground).*
O lápis (*figure*) rolou (*motion & path & manner*) da mesa (*ground*).
The pencil (figure) lay (motion & manner) on (path) the table (ground).
O lápis (*figure*) encontra-se (*motion & path & manner*) na mesa (*ground*).
The pencil (figure) blew (motion & cause) off (path) the table (ground).
O lápis (*figure*) voou (*motion & path & cause*) da mesa (*ground*).
The pencil (figure) stuck (motion & cause) on (path) the table (ground).
O lápis (*figure*) ficou (*motion & path & cause*) na mesa (*ground*).

Podemos ver que, nas 4 frases de inglês e 4 frases de português acima, os verbos são formados pelos componentes “*motion, path, manner, cause*” de acordo com traços

semânticos como [+velocidade], [-velocidade] de “*motion*”, [+virar], [+força] de “*manner*”, [+posição horizontal], [+unir], [+substância] de “*cause*”, etc.

Elementos semânticos dos verbos de percepção que também encontramos são: *emoção*, *velocidade de movimento*, *maneira*, *propósito* e *ânimo*. Mas existe outro componente que devemos considerar: a *duração* (ou *tempo*), pois, por exemplo, o verbo “fitar” e o verbo “vislumbrar” claramente tem uma diferença sobre o tempo relacionado.

A estrutura aspetual do verbo relacionado com tempo é *aktionsart* (do alemão *aktion+sart*, que significa modo de ação), a qual é, segundo Comrie (1976), “*diferent ways of viewing the internal temporal constituency of a situation.*” (Comrie, 1976:5). Vendler (1957) propôs pela primeira vez um quadro para quatro categorias distintas de verbos: “*state, accomplishment, achievement, activity.*” “*Activity*” e “*accomplishment*” distinguem-se de “*state*” e “*achievement*”, pois as duas primeiras expressam as ações contínuas, ou seja, duradouras. Depois, Comrie (1976) adiciona mais uma categoria que se chama “*semelfactive*”, que introduz a noção de “telicidade” na discussão. Comrie afirma que “*state, activity, accomplishment*” são duradouros, mas “*semelfactive, achievement*” é pontual. Dos verbos durativos, “*state*” é especial, pois não envolve mudança, e “*activity*” é atélico, enquanto “*accomplishment*” é télico. Dos verbos pontuais, “*semelfactive*” é atélico e “*achievement*” é télico. O termo “télico” foi introduzido por Garey (1957): um verbo é *télico* quando a situação que descreve tem um ponto final específico, e é *atélico* um verbo que não tem um ponto final. Em português, a caracterização aspetual de um verbo depende de um vasto conjunto de elementos linguísticos: os argumentos estruturais dos verbos, os adjuntos adverbiais de localização e duração temporal, etc. (Cf. Paiva Raposo, 2013). Para evitar que este estudo se torne muito extenso, a telicidade dos verbos não será testada no inquérito.

1.2. Definição dos verbos de percepção

1.2.1. Glossário dos verbos de percepção

Agora que dispomos de noções básicas sobre análise contrastiva, análise componencial, e elementos semânticos dos verbos de percepção, precisamos de estabelecer uma definição para selecionar os referidos verbos.

Em *English Verb Classes and Alternations: A Preliminary Investigation*, Levin (1993) adianta que alguns verbos envolvendo relevância na sintaxe e compartilhando núcleos de

significados comuns podem ser organizados na mesma categoria. Ou seja, se um grupo de verbos é capaz de expressar um conceito semelhante, os mesmos podem ser reunidos numa categoria. Foi, assim, estabelecido um conjunto de verbos que podem compartilhar o conceito “*that conveys the experience of one of the physical senses*”, que são os verbos de percepção.

Levin (1993) dividiu os verbos de percepção em quatro tipos: (i) os “*see verbs*”, que descrevem a percepção da alguma entidade, tomam o observador como o sujeito e o que é percebido como o objeto direto; (ii) os “*sight verbs*”, que também tomam o observador como o sujeito e o que é percebido como o objeto direto, mas aceitam complementos limitados; (iii) os “*peer verbs*”, que não são usados de forma transitiva, mas tomam um complemento preposicional – para Levin, na frase “*The boy gawked at beneath the bed*”, “*these verbs do not necessarily describe the apprehension of something via a sense: one can look at something without seeing it*” (Levin, 1993:187); (iv) os “*stimulus subject perception verbs*”, que são intransitivos, mas em vez de tomam o observador como sujeito, tomam o estímulo como sujeito e incluem o observador num sintagma preposicional, como em “*The soup tasted delicious to me*”. (exemplo adaptado de Levin: 1993:188).

Vejamos a seguir os verbos de percepção do inglês no estudo de Levin:

verbos	verbos de percepção
<i>see verbs</i>	<i>detect, discern, feel, hear, notice, see, sense, smell, taste</i>
<i>sight verbs</i>	<i>descry, discover, espy, examine, eye, glimpse, inspect, investigate, note, observe, overhear, perceive, recognize, regard, savor, scan, scent, scrutinize, sight, spot, spy, study, survey, view, watch, witness</i>
<i>peer verbs</i>	<i>check (on), gape, gawk, gaze, glance, glare, goggle, leer, listen (to), look, ogle, peek, peep, peer, sniff, snoop (on), squint, stare</i>
<i>stimulus subject perception verbs</i>	<i>feel, look, smell, sound, taste</i>

Tabela 1. Verbos de percepção em inglês em Levin (1993)

Em *Construction a Lexicon of English Verbs*, Faber & Mairal (1999) dividem os verbos de percepção em cinco grupos, em função dos cinco sentidos, como se vê na tabela 2, a seguir:

percepção
percepção visual: tomar consciência de alguém/algo a usar os olhos
percepção auditiva: tomar consciência de alguém/algo a usar os ouvidos
percepção olfativa: tomar consciência de alguém/algo a usar o nariz
percepção tátil: tomar consciência de alguém/algo a usar as mãos e a pele
percepção gustativa: tomar consciência de alguém/algo a usar a boca e a língua

Tabela 2. Verbos de percepção: critérios de classificação em Faber & Mairal (1999)

Confirma-se que os cinco grupos de verbos de percepção em Faber & Mairal (1999) não só se aplicam ao inglês, mas também parecem “*to be true for other European languages as well.*” Significa isso que os 5 grupos podem ser aplicados ao português, ao contrário dos 4 grupos sugeridos em Levin (1993), que dependem profundamente da gramática do inglês. No caso de Levin, sobretudo nos 2 últimos grupos, a classificação dos verbos conta com a preposição, mas construções preposicionais como “to gawk at” em “*The boy gawked at beneath the bed*”¹⁰ não existem em português. Para manter alguma coerência entre as duas línguas, vou, pois, usar a classificação de Faber & Mairal (1999) para estabelecer um glossário de verbos de percepção.

1.2.2. Verbos sensoriais e verbos epistêmicos.

De acordo com as definições em Levin (1993) e Faber & Mairal (1999) sobre os verbos de percepção, normas devem ser estabelecidas para selecionar os mesmos. Como os predicados relacionados com os sentidos (referidos aqui como “verbos sensoriais”) são de sentido por vezes obscuro a ação explícita de usar os órgãos dos sentidos (olhos, ouvidos, nariz, mãos, língua) deve ser considerada prioritária para definir os verbos em questão.

¹⁰ “O menino ficou boquiaberto debaixo da cama.”

Contudo, como podem ser também interpretados por meio de metáfora,¹¹ este glossário pode ser alargado a verbos de percepção não sensorial, de natureza epistémica. As condições de seleção do glossário geral são, pois, as seguintes:

- (18.) a. Verbos de percepção sensoriais ("*ver, cheirar, ouvir / smell, hear, taste...*")
Se um destes verbos tiver significados diversos no dicionário, deve ter pelo menos uma definição que descreva claramente a ação de usar os órgãos dos sentidos.
- b. Verbos de percepção epistémicos ("*encarar, examinar, considerar / examine, consider...*"): Estes verbos descrevem ou indicam indiretamente ações de percepção em algumas frases ou contextos (metaforicamente), mas, em regra geral, não nos dicionários.

Vejamos alguns exemplos de verbos sensoriais e metafóricos:¹²

Verbos percetivos sensoriais em português	Verbos metafóricos epistémicos em português
cheirar	acreditar
degustar	calcular
encarar	examinar
fitar	imaginar
mirar	julgar
olhar	ponderar
ver	reputar

Tabela 3. Exemplos de verbos sensoriais e epistémicos em português

¹¹ Como quando "*ver é saber*". Muitos verbos implicam uma percepção indireta, à margem dos cinco sentidos.

¹² Cf. anexos 7 e 8 para um glossário completo.

Verbos perceptivos sensoriais em inglês	Verbos metafóricos epistémicos em inglês
<i>goggle</i>	<i>believe</i>
<i>hear</i>	<i>consider</i>
<i>listen</i>	<i>examine</i>
<i>see</i>	<i>judge</i>
<i>smell</i>	<i>rate</i>
<i>stare</i>	<i>suppose</i>
<i>view</i>	<i>think</i>

Tabela 4. Exemplos de verbos sensoriais e epistémicos em inglês

Os verbos nas tabelas 3. e 4., são os verbos de percepção usados diretamente com o significado de transmitir a experiência sensorial física, mas eles têm muitos sinónimos cujo significado no dicionário não está listado como um verbo de percepção, visto que podem ser usados metaforicamente¹³ para expressar o conhecimento e não a experiência da percepção. Por exemplo, os verbos ‘examinar’ ou ‘considerar’ em português não têm o significado direto de usar um órgão de percepção: podem ser verbos de percepção, mas tem de ser percepção metafórica e epistémica, pois o perceptivo metafórico afastou-se do sentido dos perceptivos sensoriais, que têm um significado literal. Ou seja, a frase que contém os verbos perceptivos sensoriais certamente tem o sujeito de ação como Experienciador e o objeto como Fonte¹⁴, mas os verbos metafóricos epistémicos não têm obrigatoriamente esta estrutura argumental.

Neste trabalho, os verbos objeto de inquérito e análise incluem os verbos de percepção sensorial, de tipo "ver" ou "hear", e os verbos de leitura epistémica, como "examinar" ou "rate". Esta proposta do corpus alargado de verbos de percepção aos verbos de significado perceptivo literal e metafórico poderá contribuir para dar mais coerência ao estudo e mais pertinência à análise dos dados recolhidos, em particular no sentido de identificar casos de interferência interlinguística em termos de ensino ou tradução.

¹³ Cf. Lakoff (1980) e o conceito de "metáfora"

¹⁴ Em inglês: *Experiencer, Source*

1.2.3. Classificação comparada

Os verbos de percepção em inglês foram coletados por meio do *Moby Thesaurus*, a maior e mais abrangente fonte de dados do dicionário de sinónimos em inglês, com um total mais de 30.000 palavras raízes e 2,5 milhões de sinónimos e expressões. De acordo com as normas acima sugeridas, 51 verbos ingleses cujos significados são fornecidos no anexo 1 serão selecionados como objeto desta investigação.

Em português, os verbos de percepção foram coletados do *Dicionário Moderno de Sinónimos e Antónimos*, que tem mais de 26.000 entradas e cerca de 200.000 sinónimos. Ao todo, 33 verbos foram selecionados, sendo as suas definições de dicionário deixadas no anexo 2.

A avaliação da frequência dos verbos, que está incluída nos anexos 3 e 4, foi obtida através do *Corpus of Contemporary American English*, que contém mil milhões de palavras de textos de uma ampla variedade de obras e do *Corpus do Português: AGORA*, que também contém cerca de mil milhões de palavras.

Como podemos ver nos anexos assinaladas, nota-se que os verbos de percepção em português são em número muito inferior aos do inglês, sobretudo no campo da percepção visual e auditiva. Assim, estas percepções correspondem a apenas a 24 e 3 verbos, respetivamente, em português, mas em inglês representam 40 verbos e 6 verbos, ou seja, o dobro. Este desequilíbrio, que pode ser causado pelo facto de o léxico inglês ser bastante mais extenso do que o léxico português, estará sem dúvida na origem de várias interferências léxico-semânticas, como vamos verificar.

A língua portuguesa recebeu, como se sabe, a influência da língua árabe e continua a receber influência de línguas africanas, orientais e ameríndias. No entanto, a língua portuguesa é basicamente fruto da civilização latina, e o seu vocabulário construiu-se fundamentalmente sobre o latim popular e o latim literário. Embora a língua inglesa possua um vasto vocabulário de origem latina (e francesa, devido às invasões normandas), foi evoluindo ao longo dos séculos devido aos povos celtas, anglo-saxónicos, nórdicos e ainda devido à sua expansão no oriente, em África e na América do Norte. Assim, por cada palavra latina ou francesa do vocabulário inglês existe uma palavra de outra origem.¹⁵

¹⁵ Sobre a perspectiva histórica das línguas Românicas, Cf. Crystal, D. & Potter, Simeon (2021). *English language. Encyclopedia Britannica*. Sala, M. & Posner, Rebecca (2019). *Portuguese language. Encyclopedia Britannica*.

Este critério leva-nos a concluir que o vocabulário inglês corresponde ao dobro do vocabulário da língua portuguesa, que é exatamente o que está a acontecer com nossos verbos de percepção. Claramente, quando se trata de tradução ou ensino, essa diferença quantitativa no campo lexical pode causar alguns problemas, pois um verbo em português pode previsivelmente ser traduzido para vários verbos em inglês. Por exemplo, no *Dicionário Editora de Português-Inglês* (2009), os verbos em inglês 'to look' e 'to gaze' são traduzidos para o português 'olhar', apesar de os traços semânticos destes dois verbos em inglês serem claramente diferentes. Logo, quando o aluno ou tradutor deseja expressar, por exemplo, os traços semânticos de 'to gaze', vai usar erroneamente o verbo 'olhar', que não pode expressar isoladamente alguns traços semânticos de "to gaze", sem recurso a modificadores ou adjuntos.

Vejamos os significados do dicionário do verbo 'to gaze' e 'olhar'.

(19.) *Gaze: to steadily look at someone or something for a long time, giving it all your attention, often without realizing you are doing so. (Longman Dictionary of Contemporary English, 2009).*

Olhar: observar com atenção; examinar. (*Dicionário Editora da Língua Portuguesa, 2013*).

Como podemos ver, o significado de 'por um tempo longo' está ausente do verbo 'olhar'. Este fenómeno também pode acontecer nos verbos de percepção auditiva, por exemplo, no par de tradução: 'overhear' e 'escutar', os significados são:

(20.) *Overhear: to accidentally hear what other people are saying, when they do not know that you have heard. (Longman Dictionary of Contemporary English, 2009).*

Escutar: ouvir secretamente uma conversa ou uma comunicação; espionar. (*Dicionário Editora da Língua Portuguesa, 2013*).

Aqui, o traço semântico expresso por "accidentally" não está presente no verbo 'escutar'.

1.3. Análise componencial dos verbos de percepção

Passamos agora para uma proposta de análise semântica dos verbos de percepção, de forma a podermos selecionar um quadro descritivo relevante para o nosso estudo de caso.

1.3.1. Categorização dos verbos de percepção

De acordo com o “*Dicionário das ciências da linguagem*”, de Ducrot & Todorov (1982), sugerimos na análise componencial, para descrever diferenças entre palavras, as marcas [+] ou [-] para denotar positiva ou negativamente um traço semântico destinado a descrever as diferenças semânticas, como, por exemplo, [+animado].

Sugerimos três passos para completar a análise componencial dos verbos de percepção. O primeiro passo é listar os verbos em dois grupos, grupo inglês e grupo português, o que já foi feito no parágrafo 1.2, acima. O segundo passo é analisar os traços semânticos detalhados dos elementos semânticos apresentados anteriormente, embora apenas algumas características possam ser extraídas diretamente dos dicionários. O último passo realizar-se-á após o inquérito, e terá como objetivo extrair alguns dos traços semânticos que simplesmente não estão nos dicionários ou não são claramente mencionadas. Durante a análise dos traços semânticos, são consultados como se disse, dicionários, como *Longman Dictionary of Contemporary English* (2009), o *Dicionário Editora de Português-Inglês* (2009), o *Dicionário Editora da Língua Portuguesa* (2013), o *Collins Learner’s English Dictionary* (2018) e o *Dicionário Inglês-Português Collins* (2006).¹⁶

Como referido na secção anterior, os verbos de percepção são decompostos em componentes como *duração*, *emoção*, *velocidade de movimento*, *maneira*, *propósito* e *ânimo*.¹⁷ Podemos definir, por meio de dicionário, traços como *emoção*, *maneira*, *propósito*, *velocidade de movimento* e *estado de ânimo*, mas os graus de duração de alguns verbos são bastante incertos, pelo que a sua aquisição só pode ser testada por meio de inquérito.

Um modelo de análise componencial, baseado em Talmy (1985, 2000), é mostrado a seguir, com alguns verbos em português e inglês – as tabelas completas podem ser encontradas nos anexos 5 e 6:

¹⁶ As definições irrelevantes dos verbos não têm necessidade de serem incluídas na presente investigação. O problema é que alguns verbos têm significados sem relação com o tema da investigação.

¹⁷ Adaptado ao português, de Talmy (1985)

Verbos de percepção	de	verbo	emoção	maneira (órgão?)	propósito	duração	velocidade	ânimo
Visual		<i>see</i>	-	[+olhos]	[+informação]	-	-	-
		<i>stare</i>	-	-	[+agressão]	[+]	[-]	-
Auditiva		<i>hear</i>	-	[+ouvidos]	[+informação]	-	-	-

Tabela 5. Fórmula da análise componencial de verbos do inglês

Verbos de percepção	de	verbo	emoção	maneira	propósito	duração	velocidade	ânimo
Visual		ver	-	[+olhos]	[+informação]	-	-	-
		contemplar	-	[+atenção]	-	[+]	[-]	-
Auditiva		ouvir	-	[+ouvidos]	[+informação]	-	-	-

Tabela 6. Fórmula da análise componencial de verbos do português

1.3.2. Alguns casos de interferência léxico-semântica

De acordo com Faber & Mairal (1999), como vimos, os verbos de percepção estão divididos em 5 grupos relativos aos 5 sentidos do ser humano. Como mencionado, este método de categorização é presumivelmente fácil de aplicar a este estudo porque, em todas as línguas, a percepção de um ser humano não é afetada por diferenças estruturais de diferentes gramáticas. Ou seja, em termos cognitivos, todos os humanos têm 5 sentidos, e para expressar esses 5 sentidos, todas as línguas (incluindo as duas aqui em análise) têm os 5 grupos de verbos de percepção. Vejamos a seguir as categorizações dos verbos sensoriais em inglês e português (Cf. anexos 7 e 8 para a lista completa):

Verbos de percepção em inglês	Verbos
Visual	stare, contemplate, gawp, gape, gaze, glare, gawk, eyeball, cast, glance, glimpse, peep, peek, sight, glower, ogle, peer, regard, scowl, crane, goggle, leer, squint, watch, view, sightsee, preview, survey, witness, notice, see, inspect, scrutinize, , eye, scan, observe, read
Auditiva	hear, eavesdrop, hark, hearken, listen, overhear
Olfativa	smell
Tátil	feel
Gustativa	taste

Tabela 7. Categorização dos (principais) verbos de percepção em inglês

Verbos de percepção em português	Verbos
Visual	olhar, contemplar, vislumbrar, espiar, ver, considerar, testemunhar, observar, inspecionar, apreciar, ler, antever, perscrutar, indagar, mirar, fitar, encarar
Auditiva	ouvir, escutar
Olfativa	cheirar
Tátil	sentir
Gustativa	degustar

Tabela 8. Categorização dos (principais) verbos de percepção em português

Como é mostrado acima, para a percepção olfativa, tátil e gustativa, nas duas línguas apenas existe um verbo em cada grupo. Os verbos ‘*smell, feel, taste*’ e ‘*cheirar, sentir, degustar*’ são exatamente os mesmos em termos dos traços semânticos, assim como os significados relacionados com a percepção do dicionário que estão abaixo.

(21.) *Smell: to notice or recognize a particular smell.* ¹⁸

Cheirar: aspirar o cheiro de.

Feel; to notice something that is happening to you, especially something that is touching you.

Sentir: perceber por meio dos sentidos. ¹⁹

Taste: the feeling that is produced by a particular food or drink when you put it in your mouth.

Degustar’.

Uma fonte de interferência nos verbos de percepção é que alguns podem ter traços semânticos adicionais diferentes em cada língua. Por exemplo, o significado do verbo inglês ‘*to sightsee*’ inclui ‘*to go about seeing the major sights of*’, o que implica as ações de "usar os olhos" e "ver objetos relevantes", logo, de acordo com as definições do parágrafo 1.2, ‘*to sightsee*’ é um verbo de percepção. Contudo, a contrapartida portuguesa é ‘*passear*’, que no dicionário significa ‘*ir de um lugar a outro por divertimento ou lazer*’, logo, não se encaixa totalmente na definição de verbo de percepção.

¹⁸ Cf. *Longman Dictionary of Contemporary English*, 2009.

¹⁹ Cf. *Dicionário Editora da Língua Portuguesa*, 2013.

Assim, os alunos usam o verbo português ‘passear’ para expressar apenas parte dos traços semânticos do verbo ‘*sightsee*’, por interferência ou limitação da outra língua, cometendo assim um erro no processo de interpretação, pois os papéis temáticos e a estrutura conceptual lexical dos verbos respetivos não são equivalentes. Uma forma de conservar os traços semânticos de ‘*sightsee*’ seria de optar em português por *parafrasear* o verbo, por meio de uma expressão de sentido equivalente, como “visitar os *ex-líbris*”. Por exemplo, veja-se os contextos seguintes:

- (22.) a. *Bariloche is a gorgeous city with a European style architecture and excellent places for us to walk around and sightsee.* (Língua nativa)
- b. Bariloche é uma linda cidade com uma arquitetura do estilo europeia, com ótimos lugares para nós passearmos. (tradução problemática)
- c. Bariloche é uma linda cidade com uma arquitetura do estilo europeia, com ótimos lugares para nós passearmos e visitarmos os ex-líbris. (paráfrase aceitável)

Nas frases (22.a) e (22.c), em termos de ‘*lexical conceptual structures*’, nota-se que o papel temático (‘*thematic role*’)²⁰ de ‘*us (to sightsee)*’ em inglês é *Experienciador*²¹ (‘*Experiencer*’), de acordo com a definição de ‘*entidade que recebe informações sensoriais ou emocionais*’, mas a tradução para português vai mudar o papel temático do sujeito em ‘nós (passearmos)’ para Agente (‘*Agent*’), pois não há *Experienciador* em “andar” ou “passear”.

Outro exemplo de interferência léxico-semântica é o par de verbos ‘*to aim*’ e ‘*mirar*’. Quando estão a expressar o significado de ‘*escolher o lugar ou a pessoa que se quer atingir ou alcançar e apontar uma arma ou outro objeto para eles*’, estes dois verbos podem substituir-se um ao outro nas duas línguas, mas o inglês ‘*aim*’ não inclui o traço semântico correspondendo a uma ação usando os olhos, como é o caso do verbo ‘*mirar*’. Essa distinção é ilustrada a seguir:

²⁰ Sobre papéis temáticos e estruturas conceptuais do Léxico, cf. Gruber, 1976, Fillmore, 1968, 1971, Jackendoff, 1972, Dik, 1978, Helbig, 1982, Grimshaw, 1990

²¹ Cf. Mateus et alii (2003:187)

- (23.) a. *Aim*: to try or intend to achieve something; to choose the place, person, etc., that you want to hit or reach and point a weapon or another object towards them.²²
- b. *Mirar*: fixar a vista em; observar; fazer pontaria (para).²³

Como se pode concluir, os traços semânticos dos verbos ‘*mirar*’ e ‘*aim*’ poderiam ser resumidos da forma seguinte (cf. Talmy, 2000):

- (24.) *Mirar*: [+fixar a vista], [+informação], [+duração].
Aim: [+apontar arma], [+alcançar algo].

Assim, os falantes nativos de inglês que queiram traduzir ‘*aim*’ para português podem vincular o verbo ‘*mirar*’, que é um verbo de percepção de acordo com a definição em 2.2., ao verbo inglês ‘*aim*’, que não é, segundo (24), um verbo de percepção. Ao fazer isso, o falante ignora que ‘*mirar*’ em português pode ser usado como um verbo de percepção sensorial em algumas situações concretas descrevendo a ação de ‘fixar a vista em’. Assim, quando ouvem falantes nativos de português usar o verbo ‘*mirar*’, os alunos de PLE vão interpretar a percepção de forma distorcida, com base na interferência semântica entre “*aim*” e “*mirar*”, como se ilustra a seguir:

- (25.) a. Ao mirar o jardim, a mulher surpreendeu-se com a presença de uma centopeia. (Língua nativa)
- b.? *Aiming at the garden, the woman was surprised by the presence of a centipede.* (interferência semântica)
- c. *Looking at the garden, the woman was surprised by the presence of a centipede.* (tradução equivalente)

Como vemos, existem alguns traços semânticos distintos para cada verbo, mas os alunos podem não se aperceber que os mesmos interferem, e traduzir e interpretar os verbos incorretamente.

²² Cf. *Longman Dictionary of Contemporary English*, 2009.

²³ Cf. *Dicionário Editora da Língua Portuguesa*, 2013.

Na área de tradução, a seleção precisa dos verbos é crucial para a exatidão geral do texto-alvo. Uma tradução errada pode acontecer se o tradutor se limitar à tradução literal do verbo.²⁴ Este é frequentemente o caso dos verbos de percepção em inglês e português, pois o glossário inglês de verbos de percepção, como vimos, é mais extenso do que o do português, logo, estes verbos não podem ser traduzidos um a um. Contudo, embora alguns dos verbos de percepção do inglês não possam ser traduzidos por um verbo português de percepção, podem sê-lo por uma frase verbal ou, como sugerido, por paráfrase. É o caso, por exemplo, dos verbos *'to regard'* e *'to hear'* a seguir:

- (26.) a. *She stood back and regarded him coldly.*
 b. ? Ela andou para trás e olhou-o friamente. (Tradução literal)
 c. Ela afastou-se e fitou-o firme e friamente. (Tradução não literal)
- d. *I hear you.*
 e. ? Eu ouço-te. (Tradução literal)
 f. Entendo a situação. (Tradução não literal – equivalência)

A melhor maneira de descrever as traduções em (26.b) e (26.e) é, em termos linguísticos, considerá-las uma 'correspondência literal', porque a uma palavra da língua-fonte corresponde mecanicamente uma palavra na língua-alvo. Isso significa que, quando um texto é traduzido, a operação é feita palavra por palavra (partindo do princípio que isso é possível), na mesma ordem que o texto original. Mas a tradução poderia ser também não literal, ou seja, por "equivalência". Esta, por seu lado, rejeita o princípio da correspondência estrita entre a língua-fonte e a língua-alvo e privilegia a equivalência entre o conteúdo do texto-fonte e do texto-alvo.²⁵

Tradução literal e tradução não literal são tipos de tradução distintos, que podemos relacionar com os conceitos de "equivalência dinâmica" e "equivalência formal", de Nida (1969). De acordo com Nida (1969), a "equivalência dinâmica" tenta transmitir o pensamento, expresso num texto-fonte (se necessário, ao custo da literalidade, ordem das palavras original, estado gramatical do texto fonte, etc.), enquanto as tentativas de "equivalência formal" tentam, pelo contrário, conservar o texto-fonte, palavra por palavra

²⁴ Sobre tradução literal, cf. a análise de Nida (1969) *infra*.

²⁵ Sobre a distinção entre correspondência e equivalência no processo de tradução, cf. Krzeszowski (1990)

(se necessário, à custa dos recursos naturais de expressão na língua-alvo). Equivalência dinâmica, segundo Nida, é uma

(27.) “*quality of a translation in which the message of the original text has been so transported into the receptor language that the response of the receptor is essentially like that of the original receptors.*” (Nida, 1969:200)

Em *The Theory and Practice of Translation*, Nida & Traber (1982) definiram a tradução da seguinte forma:

(28.) “*Translating consists in reproducing in the receptor language the closest natural equivalent of the source language message, first in terms of meaning and secondly in terms of style.*”

Esta definição inclui três termos básicos, listados a seguir, que nos parecem fundamentais:

- (29.) *Equivalent*, que aponta para a língua original.
 Natural, aponta para a língua alvo.
 Closest, está ligado numa relação de semelhança.

Assim, a tradução por equivalência dinâmica consiste em selecionar a tradução mais próxima do idioma original de forma natural. O termo ‘*closest*’ diz principalmente respeito ao sentido, e o tradutor foca-se mais no significado e no espírito do texto original, ao invés de aderir rigidamente à sua estrutura e forma. De acordo com a definição de Nida & Traber, a tradução por equivalência dinâmica não é igual à tradicional “tradução livre” devido aos seus requisitos rigorosos. Uma tradução “livre” apenas reproduz o significado geral do texto original, podendo ou não seguir a forma ou estrutura do original (Pei & Gaynor, 1954). A tradução por equivalência dinâmica exige, por seu lado, que o texto da tradução reflita o texto-fonte da maneira mais perfeita possível numa estrutura de idioma diferente.

Como pudemos ver nos exemplos anteriores, ao traduzir frases com verbos de percepção, a equivalência dinâmica parece preferível à tradução literal, pois uma tradução literal (se estiver disponível) pode não considerar as características semânticas dos verbos no contexto e fazer com que alguns dos seus traços semânticos originais fiquem perdidos. Isso pode

tornar difícil os leitores entenderem verbos de percepção num texto traduzido de forma literal num contexto errado, ou, inversamente, outros tipos de verbos em traduções não literais. De facto, como já foi sugerido, alguns dos verbos de percepção em inglês não são verbos de percepção quando traduzidos para o português, sendo o caso de *'to sightsee'*, cujo significado é *'the activity of travelling around a place to see the interesting things in it'*, mas cuja tradução é *'passear'*. Vejamos um exemplo concreto:

(30.) *Start your day by taking a nourishing continental breakfast before heading out to sightsee around the city.*

Comece seu dia a tomar um nutritivo pequeno-almoço continental antes de sair para passear pela cidade.

Como a escolha da tradução é *'passear'*, quando um leitor lê este texto em português, não tem acesso à ideia de *'ver as coisas interessantes da cidade'*, mas apenas de *'andar pela cidade'*. Assim, se se exigir uma tradução rigorosa que requer informações precisas a serem recebidas pelo leitor, então a frase seria melhor traduzida por *'...para ir visitando os ex-libris da cidade'*. Esta é mais uma equivalência dinâmica do que uma tradução literal, pois está a cumprir as três exigências de Nida (1969) referidas anteriormente.

Os verbos *'passear'* e *'mirar'* podem resultar de erros de interlíngua²⁶, pois deveriam passar para *'visitar os ex-libris'* e *'apontar'*, mas, por causa da fossilização²⁷, tal não acontece.

Em Nida e Taber (1982), como vimos, a *'equivalência formal'* é referida como *'correspondência formal'*, e consiste na relação geral e sistémica entre uma língua-fonte e uma língua-alvo na tradução, fora do contexto. Por exemplo, pode haver correspondência formal entre *'ver'* em português e *'to see'* em inglês; no entanto, na prática da tradução, *'see'* pode quase sempre ser traduzido de outra forma em português.

Encontrar a correspondência dos verbos de percepção entre duas línguas, como o inglês e o português, pode ser difícil, se não mesmo impossível, porque há sempre verbos que parecem ser iguais na outra língua – nomeadamente os verbos cognatos –, mas que têm em regra geral um significado diferente num contexto diferente. Por exemplo, o verbo *'see'* em inglês e o verbo *'ver'* em português, mencionados acima, quando expressam *'perceber, entender'*, podem ser usados da mesma forma, logo estão em correspondência formal.

²⁶ Cf. Corder, parte 1 deste trabalho

²⁷ Cf. Selinker, parte 1 deste trabalho

Contudo, quando o verbo ‘see’ em (31.a) não expressa o significado de ‘tentar, insistir, assegurar’, como é o caso em (31.b), o verbo português ‘ver’ não pode ser selecionado:

- (31.) a. *My parents saw how difficult our situation is.*
Os meus pais viram que nossa situação é muito difícil.
b. *I will see to it.*
Vou cuidar disso.

Mesmo nos pares de traduções mais próximos como ‘contemplate’²⁸ e ‘contemprar’²⁹, cognatos oriundos do latim ‘contemplāre’, não podemos dizer que sejam correspondências na área de tradução; como facilmente se vê no exemplo abaixo, o verbo-fonte pode até ser omitido no processo de tradução:

- (32.) a. *This has been too uncomfortable for some to contemplate, despite the fact that it is generally accepted that a certain level of inflation is needed to oil the wheels of a dynamic economy.*
b. Uma asserção deste tipo é um tanto incômoda, embora todos saibam que é imprescindível um certo nível de inflação para lubrificar a engrenagem de uma economia dinâmica

Em suma, o quadro teórico apresentado, assim como as análises na área do ensino e da tradução feitas anteriormente, levantam vários desafios em termos de semântica contrastiva dos verbos de percepção, o que nos levou a encarar, na parte prática desta investigação, a necessidade de obter dados complementares relativos à tradução e aquisição destes verbos, por meio de um questionário.

²⁸ Cf. <https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/contemplate>

²⁹ Cf. <https://palavradodia.com/2016/02/29/contemprar/>

2. Inquérito

Antes de realizar um questionário, precisamos primeiro de saber o que estamos a testar. Na fase de elaboração da teoria desta investigação, analisei verbos de percepção em português e inglês, e descobri que, em primeiro lugar, o campo lexical dos verbos de percepção em português é menor do que o mesmo campo lexical em inglês. Descobri, em segundo lugar, que existem mais predicados verbais que têm as características semânticas de verbos de percepção em inglês, ou seja, os verbos de percepção em inglês são mais capazes de expressar situações complexas do ponto de vista cognitivo, quando os verbos de percepção em português às vezes precisam presumivelmente de modificadores adverbiais a acompanhar para expressar uma percepção equivalente.³⁰

Essas descobertas, que levam à necessidade de formular algumas hipóteses de trabalho, vão servir de guias a ser utilizados no questionário. O objetivo principal do mesmo é verificar se essas hipóteses são verdadeiras ou falsas, pois, para que essa análise contrastiva tenha um uso prático, a análise dos erros cometidos por estudantes ou tradutores é inevitável. Para este propósito, as hipóteses a testar estão listadas a seguir:

- (33.)
- a. Na área de ensino, os erros cometidos são considerados erros de interferência da língua nativa (inglês) ou não?
 - b. Esses erros ocorrem no campo lexical, no campo semântico ou em ambos?
 - c. Na área da tradução, as traduções de inglês para português privilegiam a correspondência formal ou a equivalência dinâmica? A correspondência formal existe ou não?

Tendo em conta o tema relacionado com o glossário dos verbos de percepção, nesta investigação, as hipóteses anteriores são especificamente encaradas com base no estudo dos verbos de percepção em inglês e português – em que o português é considerado língua estrangeira. Tendo presente essas hipóteses, o questionário foi concebido e aplicado. Vejamos uma breve apresentação da sua conceção.

³⁰ Embora alguns autores concluam que a lista de traços semânticos de percepção varia de língua para língua (com algumas línguas mais ricas), não se defende aqui essas conclusões. Pelo contrário, considero que, se os traços semânticos são de natureza cognitiva, então eles existem por defeito em qualquer língua, ou seja, são traços da própria linguagem. Apenas a forma como os traços são lexicalizados muda, pois, o português por exemplo, pode precisar de advérbios ou preposições, ao passo que o inglês privilegia predicados verbais, como é aqui sugerido. Acho que não se deve confundir o número de verbos existentes (superior em inglês) com o número de traços (que é por definição universal e constante)

2.1. Apresentação do inquérito

Para conhecer mais especificamente o tipo e o grau de interferência originado pela tradução ou aquisição de verbos de percepção, é necessário recolher alguns dados junto dos interessados. O questionário é, como sabemos, um método muito comum nas investigações científicas, em particular na linguística aplicada. Através de um conjunto de perguntas específicas e detalhadas, reunidas num inquérito, pode-se obter respostas estatisticamente pertinentes e depois identificar tendências e problemas diversos.

O corpo do presente inquérito é constituído por duas partes: a Parte A destina-se a recolher alguns dos dados pessoais dos inquiridos; a Parte B consiste em exercícios, distribuídos por seis perguntas, cujo objetivo é testar os conhecimentos dos respondentes sobre os verbos de percepção em inglês e português e tentar identificar os eventuais erros que os respondentes cometeram.

A Parte A subdivide-se em oito perguntas, das quais quatro correspondem a informações básicas sobre os respondentes (cujo anonimato é garantido), incluindo nacionalidade, sexo, idade, ocupação. As outras quatro questões são mais específicas para esta investigação em análise contrastiva, pois são relativas ao bilinguismo dos participantes, à identificação da sua (ou das suas) língua(s) nativa(s), as línguas faladas e o tempo de formação linguística.

A questão sobre o bilinguismo justifica-se, pois o sujeito do questionário é um grupo de estudantes de vários países, e como a investigação é relativa à análise contrastiva entre inglês e português, o autor do questionário precisa garantir que os participantes tenham a língua inglesa como língua nativa, embora, neste caso, uma pessoa que é bilíngue em inglês também possa ser considerada (e foi) para o caso presente. As perguntas sobre as línguas estrangeiras que os participantes estudaram ou estudam podem ser benéficas para esta investigação, pois os dados coletados podem ser usados para determinar o nível de língua dos participantes e proporcionar uma melhor compreensão sobre os seus erros na parte B do questionário.

A parte B é composta por 6 exercícios relacionados com verbos de percepção. Para responder ao exercício 1, que é de identificação, o inquirido deve detetar se existe algum verbo de percepção dentro das frases propostas, e, em caso afirmativo, efetuar a transcrição desse verbo. Esta pergunta serve para garantir que o participante tenha conhecimento suficiente para entender o que é um verbo de percepção e possa identificá-lo numa situação determinada.

Na pergunta 2, pede-se ao participante que escolha um verbo de percepção num grupo de verbos e complete as frases dadas. O objetivo é perceber se os participantes têm a capacidade de identificar diferentes traços semânticos dos verbos de um mesmo grupo semântico, ou seja, se os participantes podem estabelecer a diferença entre os verbos de percepção num determinado grupo, por exemplo, verbos de percepção visual.

Na pergunta 3, sobre o uso dos verbos de percepção, os participantes são convidados a observarem algumas frases e a selecionarem o cenário em que o verbo de percepção é usado erroneamente. Esta questão também é colocada para determinar o nível de compreensão dos traços semânticos dos verbos de percepção.

A seguir, a pergunta 4 consiste em classificar as frases traduzidas, ambas em português e inglês, como corretas ou incorretas e, de seguida, se classificou a tradução como incorreta, o participante tem de explicar o motivo.

Na pergunta 5, também sobre tradução, os participantes devem eles próprios traduzir as duas frases dadas, uma de português para inglês e outra de inglês para português.

Por fim, a resposta à pergunta 6 consiste em identificar os traços semânticos de verbos de percepção, nomeadamente o traço semântico '*duração*', em alguns dos verbos de percepção em inglês e português, com base em Comrie (1976). Como o elemento conceptual '*duração*' não está explícito no dicionário, essa pergunta é exigente, mas pode ajudar a identificar se o participante é capaz de compreender traços semânticos não dicionarizados.

Na pergunta 1 e na pergunta 6, há também uma questão de controle, em que os participantes são convidados a explicarem por que acham as questões difíceis ou fáceis. Essas questões de controle podem ajudar a identificar as dificuldades e os erros que os participantes cometeram, de forma a reforçarem a análise contrastiva.

O grau de dificuldade das questões vai aumentando à medida que o inquirido avança no seu preenchimento. A fim de permitir compreender melhor o que se pretendia com cada questão, apresentámos as respostas esperadas no anexo 9.

Explicitado o inquérito, procederemos à apresentação e análise dos dados recolhidos.³¹

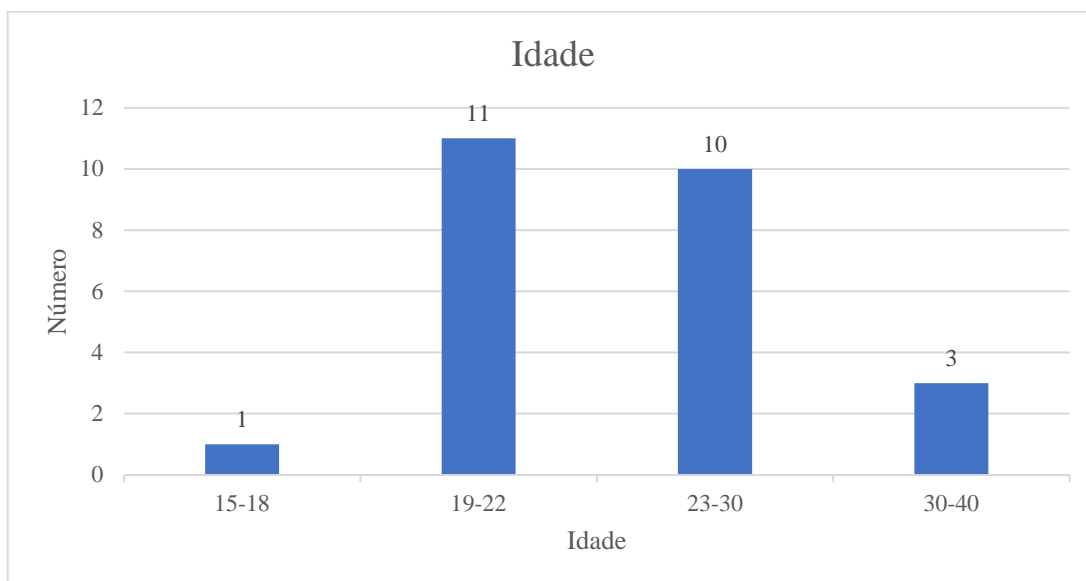
³¹ O questionário foi administrado aos inquiridos *online*.

2.2. Análise do inquérito

Nesta investigação, foram inquiridas 25 pessoas ao todos; 23 são falantes nativos de inglês (bilíngues em inglês) e 2 são falantes nativos de português. A nacionalidade dos participantes é variada, incluindo 5 franceses, 5 espanhóis, 5 chineses, 3 alemães, 2 japoneses, 2 ingleses, 1 coreano e 2 brasileiros. Embora a diferença de nacionalidade do público e o número de participantes seja comparativamente pequeno, a especificidade comum dos participantes pode ser relacionada, com exceção dos dois brasileiros, com o facto de todos eles terem o inglês como língua nativa, e estudarem ou estarem a estudar o português como língua estrangeira (PLE). Apesar de os dados coletados por este questionário não serem muitos, de alguma forma, podem ser aplicados à investigação, pois pensamos que a variedade de participantes é representativa dos alunos de uma turma média de PLE.

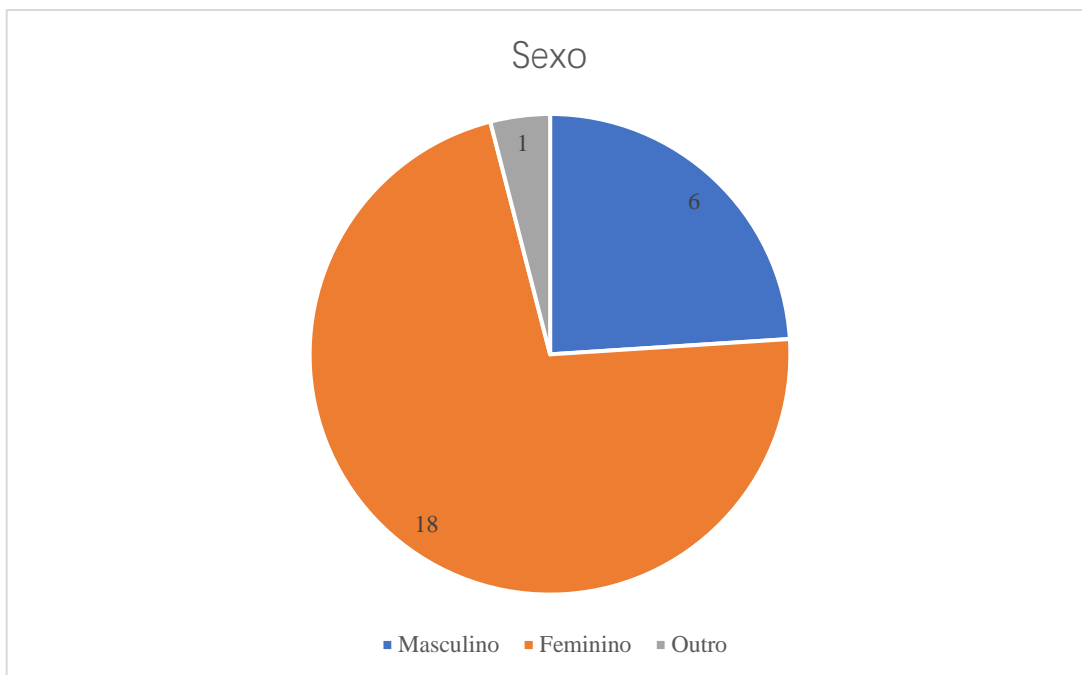
2.2.1. Perfil dos inquiridos

Nesta parte, as informações básicas recolhidas sobre os inquiridos incluem a idade, o sexo, a nacionalidade e a ocupação. Os resultados para a idade são os seguintes:



Histograma 2.1. Idade dos inquiridos

A faixa etária dos inquiridos situa-se entre 15 e 40 anos; há 1 participante que tem 16 anos, a corresponder a 4% do total; 11 participantes que têm 19-22 anos, idade em que se vai para a universidade, a ocupar 44% do total; 10 participantes têm 23-30 anos, a corresponder a 40% do total; 3 participantes têm 30-40 anos, a ocupar 12% do total.



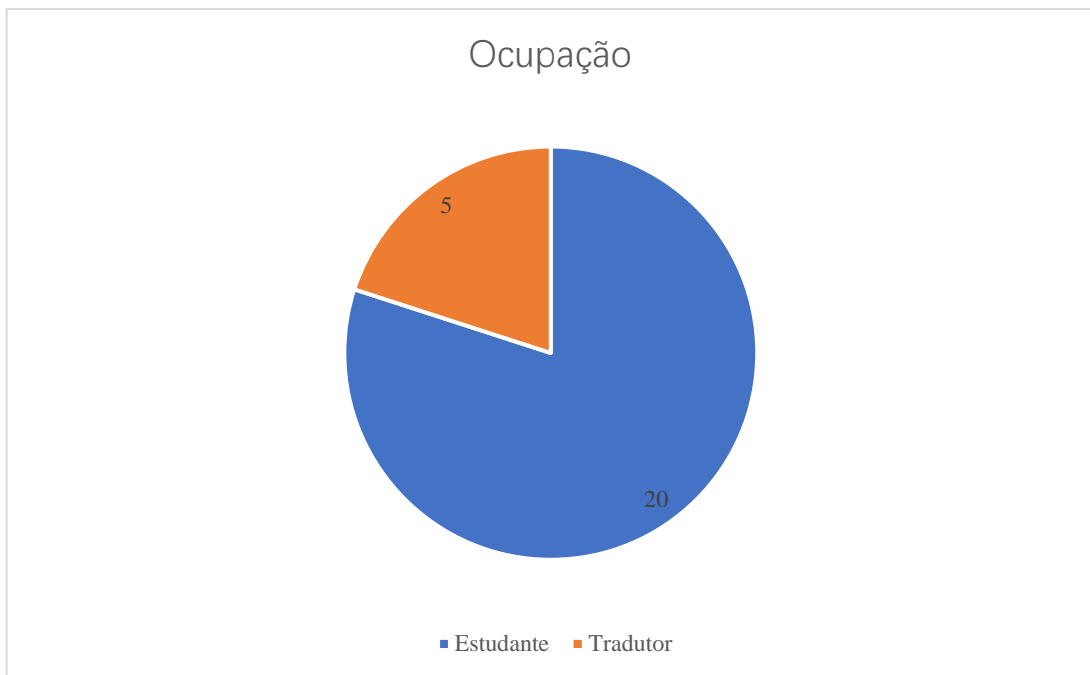
Histograma 2.2. Sexo dos inquiridos

Entre os inquiridos, há 18 participantes do sexo feminino (72%) e 6 participantes do sexo masculino (24%) e 1 não específico (4%). Quanto a dados sobre a nacionalidade, 20% são franceses, 20% são espanhóis, 20% são chineses, 12% são alemães, 8% são japoneses, 8% são ingleses, 4% são coreanos e 8% são brasileiros.



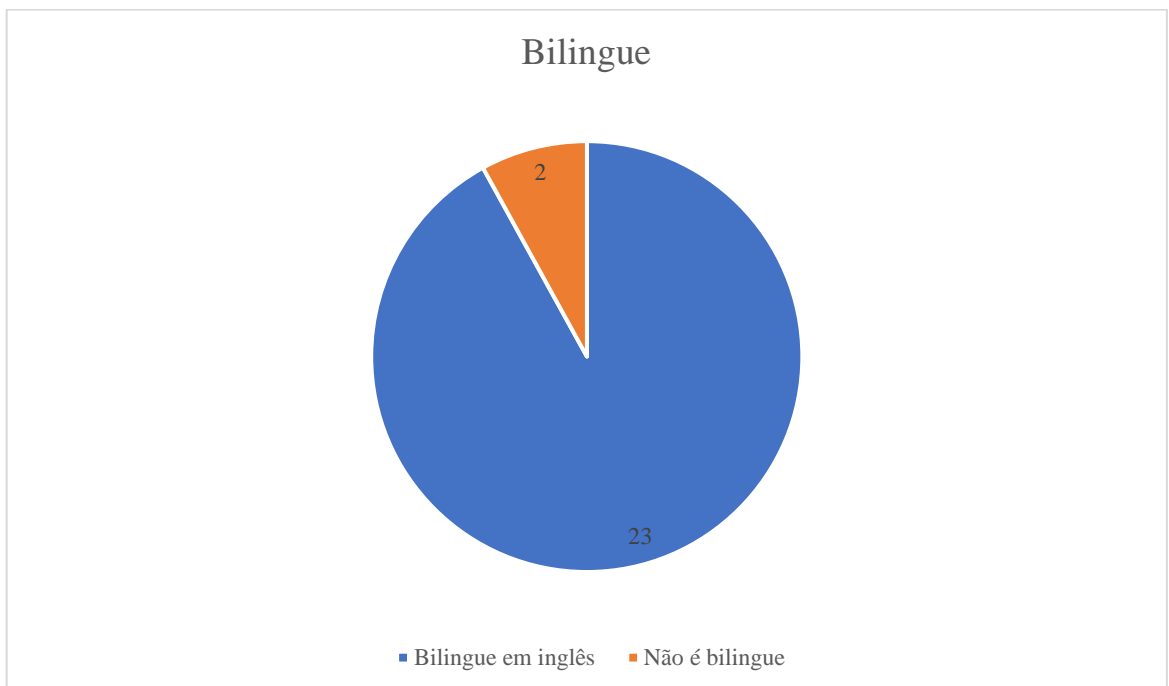
Histograma 2.3. Nacionalidade dos inquiridos

Entre os inquiridos, 20 participantes são estudantes (80%) e 5 são tradutores de inglês-português.



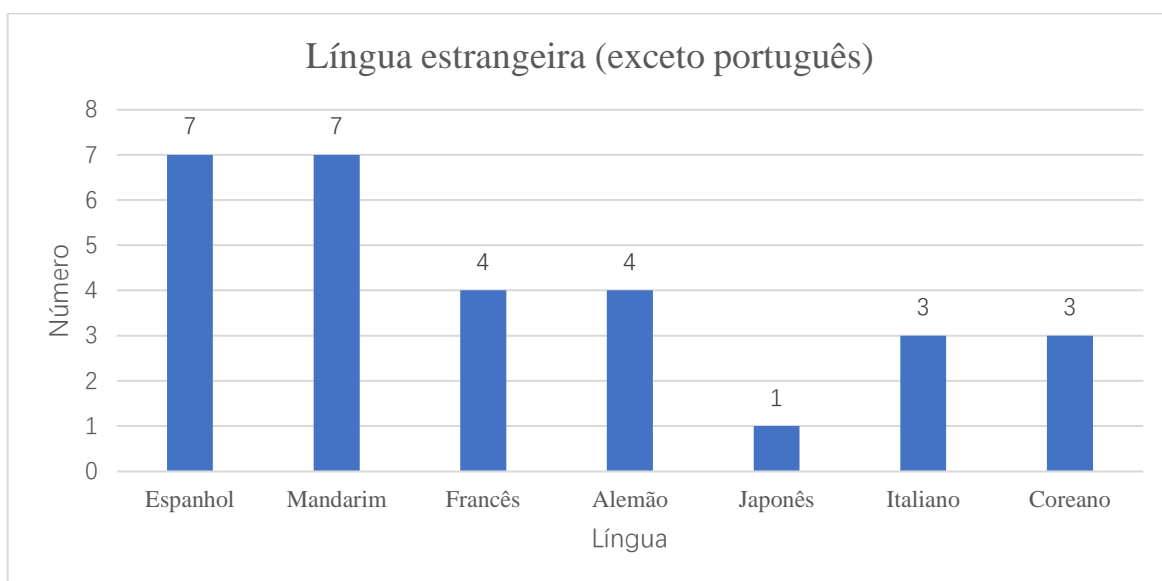
Histograma 2.4. Ocupação dos inquiridos

Quando se trata de perguntas sobre estudos linguísticos, 23 dos participantes (92%) declaram que são bilingues em inglês:



Histograma 2.5. Bilinguismo dos inquiridos

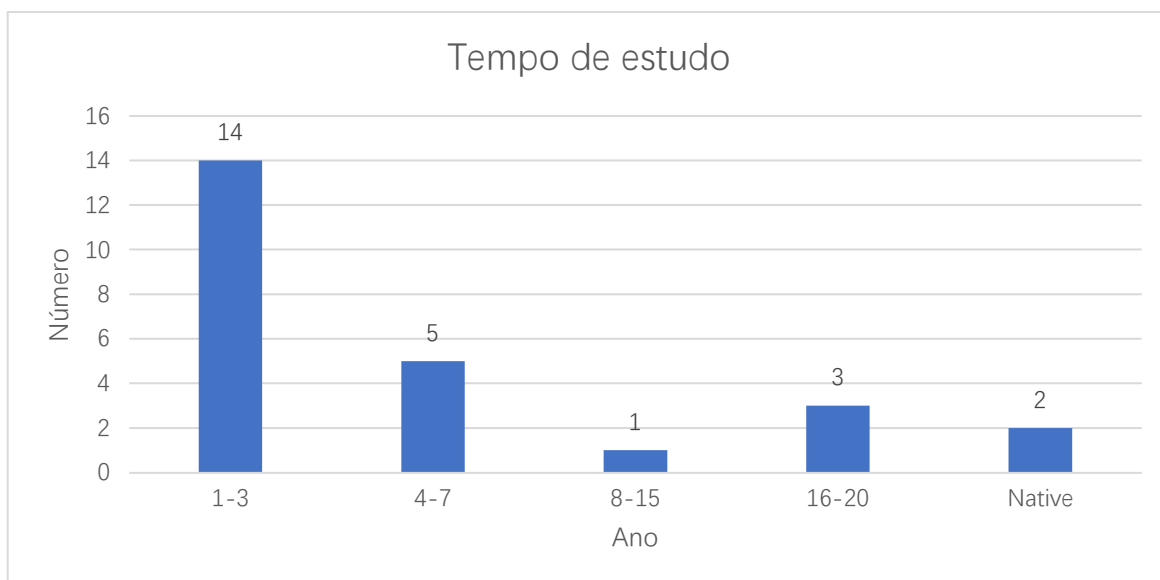
As línguas estrangeiras que o participante estudou ou está a estudar são as seguintes: 7 estudam espanhol língua estrangeira (28%), 7 estudam mandarim (28%), 4 estudam francês (16%), 4 estudam alemão (16%), 1 estuda japonês (4%), 3 estudam italiano (12%) e 3 estudam coreano (12%).³² A aprendizagem da língua portuguesa é uma característica que todos os participantes possuem (exceto os dois brasileiros, que são nativos), pois o objetivo principal desta investigação é justamente estudar a aprendizagem do português não nativo. O número total de respostas nesta questão pode ultrapassar as 25, porque uma pessoa pode estudar várias línguas estrangeiras.



Histograma 2.6. Línguas estrangeiras faladas pelos inquiridos

O tempo de estudo do português como língua estrangeira varia entre 1 e 20 anos, sendo que a maior parte dos participantes estudam-no em média há 1 a 3 anos, ou seja, são alunos de licenciatura. Assim, 14 participantes estudam português como língua estrangeira há 1-3 anos (56%), 5 participantes estudam-no há 4-7 anos (20%), 1 estudam-no há 8-15 anos (4%) e 3 há 16-20 anos (12%), e há dois (8%) falantes nativos de português (brasileiros). O nível médio da língua portuguesa na investigação deste público é C1 (autonomia), de acordo com os anos de estudo.

³² De notar que aqui apenas o estudo de uma língua estrangeira é coletado nos dados, não da língua materna.



Histograma 2.7. Tempo de estudo dos inquiridos

2.2.2. Informações sobre os verbos de percepção

Com a secção seguinte do inquérito, recolhemos informação relativa aos conhecimentos dos participantes no que se refere ao objeto de estudo, os verbos de percepção. Foram colocadas diversas perguntas sobre o conhecimento destes verbos. As perguntas e os resultados são os seguintes, por ordem:

Pergunta 1

1.1. Nas frases seguintes, decide se existe algum verbo de percepção (sim/não). Em caso afirmativo, transcreve esse verbo.

- a): E, na pérola, viu o rosto de Coyotito inchado e febril com o medicamento.
- b) ÀS 18h, eles viram que já era tarde

<input type="radio"/> Sim (o verbo é:) _____ "viu" _____ _____	<input type="radio"/> Não
---	---------------------------

1.2. Nas frases seguintes, decide se existe algum verbo de percepção (sim/não). Em caso afirmativo, transcreve esse verbo.

- a) Você entendeu o que ele disse?
- b) Gostou daquilo que ouviu?

<input type="radio"/> Sim (o verbo é:) _____ "ouviu" _____ _____	<input type="radio"/> Não
---	---------------------------

1.3. Achas que a pergunta anterior foi difícil? Fácil? Explica porquê em poucas palavras.

A resposta a estas perguntas são: 24 participantes selecionaram sim na pergunta 1.1. e 1 selecionou não, 16 participantes selecionaram sim na pergunta 1.2. e 9 selecionaram não. Ao todo, 20 participantes conseguem identificar corretamente o verbo de percepção na questão 1.1. e 13 identificaram o verbo 'ouvir' na pergunta 1.2., mas 5 dos participantes incluem os verbos 'dizer' e 'entender' na resposta.

Quanto à questão 1.3., 11 dos participantes acharam as perguntas fáceis e 14 difíceis. A principal razão pela qual eles pensaram que era difícil é que não sabem gramática ou ignoram o conceito de 'verbo de percepção'. Por exemplo, um dos falantes nativos de português escreveu: 'não sei o que é um verbo de percepção, nunca ouvi esse termo no Brasil'.

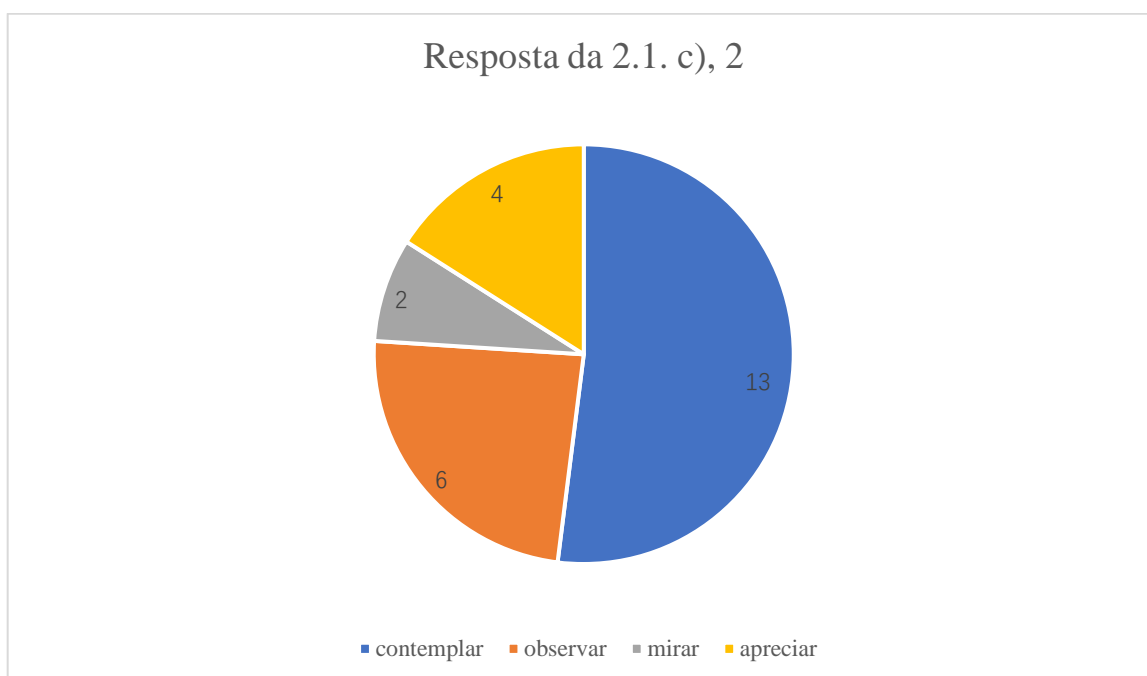
Pergunta 2

2.1. Completa as frases seguintes com o verbo adequado escolhido de entre os que são listados

Lista: *ver, olhar, apreciar, antever, perscrutar, observar, indagar, mirar, contemplar, examinar.*

- a) É possível que o João não ___"aprecie"_____a mensagem quando a ___"vir"_____
- b) "Ainda é cedo para _____"ver"___ o filme, ___"observou"___ alguém
- c) O homem parou, ___"olhou"_____ para baixo e ___"contemplou"___a paisagem em silêncio.

Esta pergunta tinha como um dos objetivos testar a distinção entre verbo de percepção sensorial (como "olhar") e epistémico (como "apreciar"). Nas respostas da pergunta 2.1. a), só 8 participantes (32%) conseguiram responder de forma correta; na pergunta 2.1. b), 7 participantes (28%) têm resposta exata e na pergunta 2.1. c), 13 participantes (52%) têm resposta exata. Observa-se que a maioria das respostas, embora nem sempre exatas, são semelhantes à resposta esperada em termos de traços semânticos dos verbos, como é o caso por exemplo, em 2.1. c): em vez do verbo 'contemplar', 6 usaram 'observar' (24%), 4 usaram 'apreciar' (16%), e 2 usaram 'mirar' (8%). Estes resultados revelam que a variante epistémica destes verbos de percepção levanta algumas dificuldades em termos de interpretação.



Histograma 2.8. Resposta da pergunta 2.1.

2.2.3. Exercícios

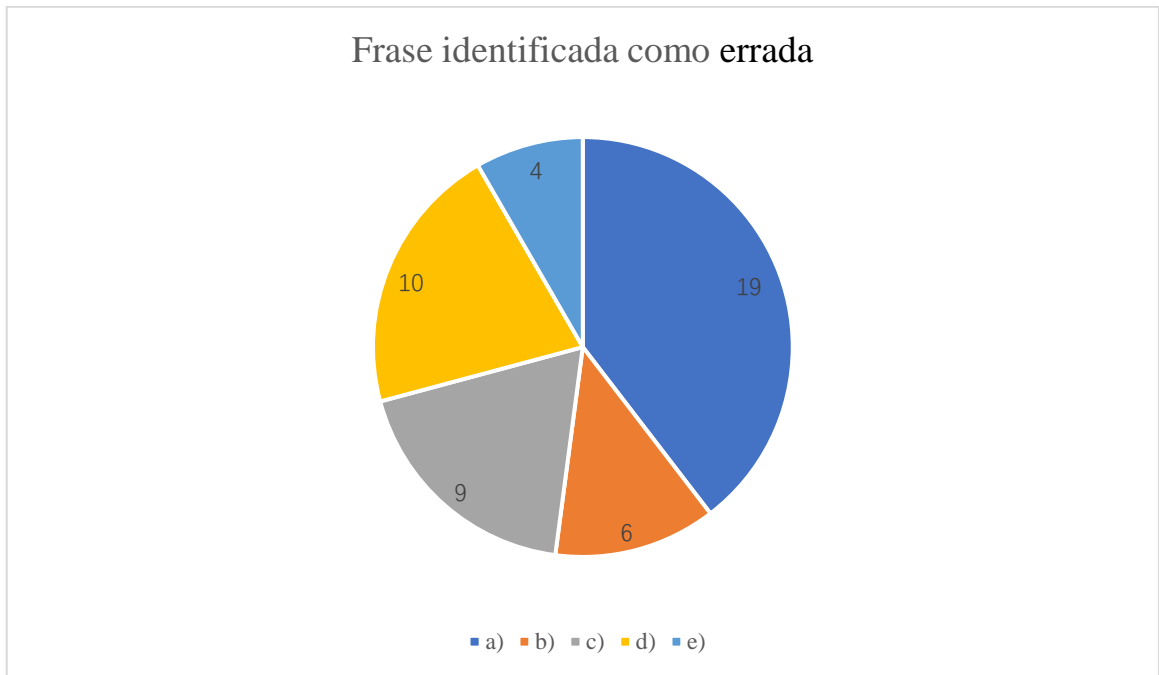
Pergunta 3

Nas 5 frases a seguir, identifica aquelas cujo verbo te parece estar errado:

- a) João, tens estado a notar para o mesmo pedaço de papel desde o jantar.
- b) Então o senhor mandou-nos observar todos estes estatutos
- c) A Maria não tem nenhum medo de mirar a polícia na rua
- d) Só devia contemplar o Rodrigo para juntar informações ao processo

e) Acho que deveria ouvir esse tipo e não apenas escutá-lo

Também aqui, esta pergunta incidia sobre a distinção entre verbos sensoriais (como "ouvir") e epistémicos (como "notar"). As respostas à pergunta 3 são: 19 participantes identificaram a frase a) como errada, 6 identificaram a frase b) como errada, 12 para a frase c), 10 para a frase d) e 4 para a frase e).



Histograma 2.9. Resposta da pergunta 3.

Pergunta 4

4.1. Decide se a tradução (de Inglês para Português) do verbo sublinhado está correta:

- a) ING – Just glance at them and they're shrieking at the top of their lungs.
- b) PT – Basta olhar para eles e estão a gritar a plenos pulmões.

Tradução correta _____ Tradução incorreta _____x_____

Se achas que a tradução é incorreta, explica porquê em poucas palavras.

4.2. Decide se a tradução (de Português para Inglês) do verbo sublinhado está correta:

- a) PT – *Consigo ouvir-te a olhar para a parede.*
- b) ING – *I can hear you staring at the wall.*

○ Tradução correta _____ ○ Tradução incorreta _____x_____

Se achas que a tradução é incorreta, explica porquê em poucas palavras.

Nesta pergunta, tratava-se de verificar de que forma o inquirido relaciona uma forma verbal simples em cada língua, quando estes verbos aparentam ter traços semânticos divergentes (caso de "*olhar*" e "*stare*"). Dos inquiridos, 19 decidiram que a pergunta 4.1. está correta e 6 identificaram-na como tradução incorreta; e 20 decidiram que a pergunta 4.2. está correta e 5 identificaram-na como tradução incorreta.

Os 6 participantes identificaram a tradução 4.1. como incorreta por razões de sentido tais como: ‘não expressa necessariamente o que talvez em inglês expressa’, ‘*Glance* é mais subtil que “olhar” (*look*)’.

Os três participantes consideraram a tradução em 4.2. como incorreta porque, dizem, as características semânticas dos verbos são "diferentes": ‘Olhar’ é um verbo mais rápido, ‘*staring*’ é tipo olhar mais tempo’ (sic).

Pergunta 5

5.1. Traduz para Português

- a) *You shouldn't look at the computer screen.*

○PT : _____olhar_____

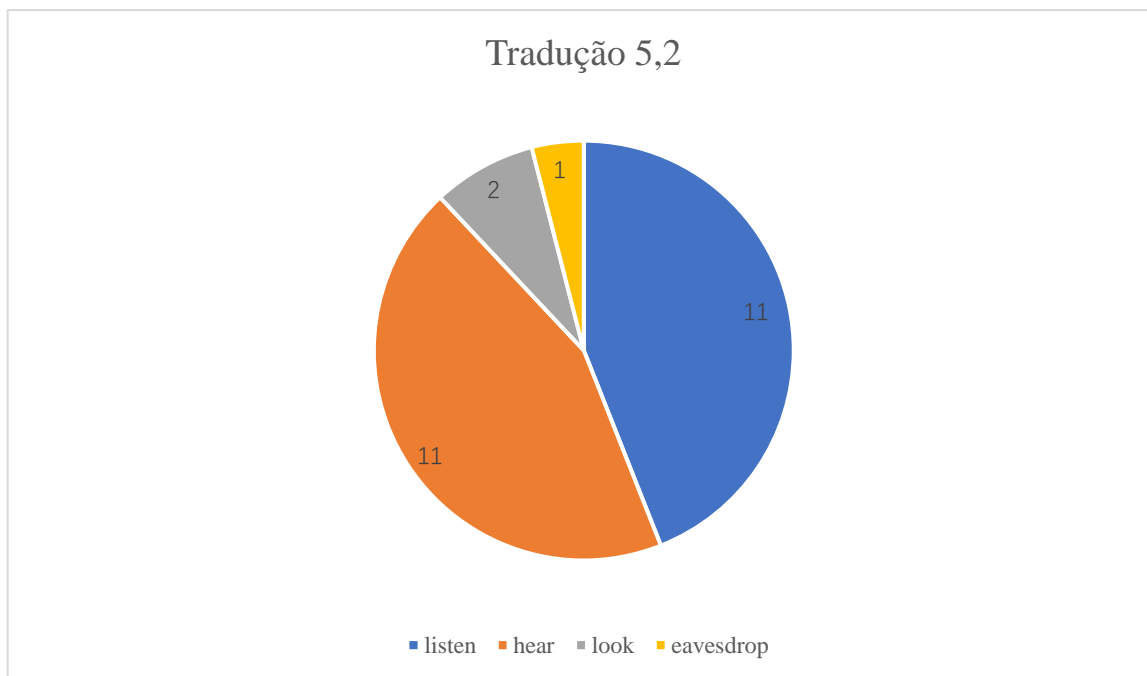
5.2. Traduz para Inglês

- a) Não devias andar a escutar conversas

○ING : _____*eavesdrop*_____

A resposta a essa pergunta de tradução (exercício sempre exigente) pode variar por causa das outras palavras na frase, portanto, nesta investigação, apenas a tradução do verbo de perceção em si foi considerada para fins de recolha de dados.

Assim, na pergunta 5.1., 23 dos participantes (92%) traduziram o verbo ‘look’ para ‘olhar’ e 2 para ‘ver’ (8%). Na 5.2., 11 dos participantes traduziram o verbo ‘escutar’ para ‘listen’ (44%), 11 para ‘hear’, 2 para ‘look’, e apenas 1 para ‘eavesdrop’.



Histograma 3.0. Resposta da pergunta 5.2.

Pergunta 6

6.1. Observa a seguinte lista de verbos de percepção em Português.

Na tabela seguinte, classifica cada verbo em função dos critérios apresentados. O critério de "duração" é relativo ao tempo que a ação do verbo leva a terminar (duração breve, média ou longa)

verbo	duração da ação		
	breve	média	longa
vislumbrar			
encarar			
apreciar			
perscrutar			
observar			
indagar			
mirar			
contemplar			
escutar			

6.2. Observa a seguinte lista de verbos de percepção em Inglês.

Na tabela seguinte, classifica cada verbo em função dos critérios apresentados. O critério de "duração" (cf. Comrie, 1976) é relativo ao tempo que a ação do verbo leva a terminar (duração breve, média ou longa)

verbo	duração da ação		
	breve	média	longa
<i>glimpse</i>			
<i>stare</i>			
<i>inspect</i>			
<i>scrutinize</i>			
<i>observe</i>			
<i>examine</i>			
<i>gaze</i>			
<i>contemplate</i>			
<i>overhear</i>			

6.3. Achas que a pergunta 6 foi difícil? Fácil? Explica porquê em poucas palavras.

A pergunta 6 era a mais exigente do inquérito, pois a mesma incidia sobre aspetos conceptuais da semântica dos verbos de percepção, inspirados em Comrie (1976) e Talmy (2000), o que representa um certo desafio para respondentes sem formação linguística. As respostas são visíveis nos gráficos a seguir:

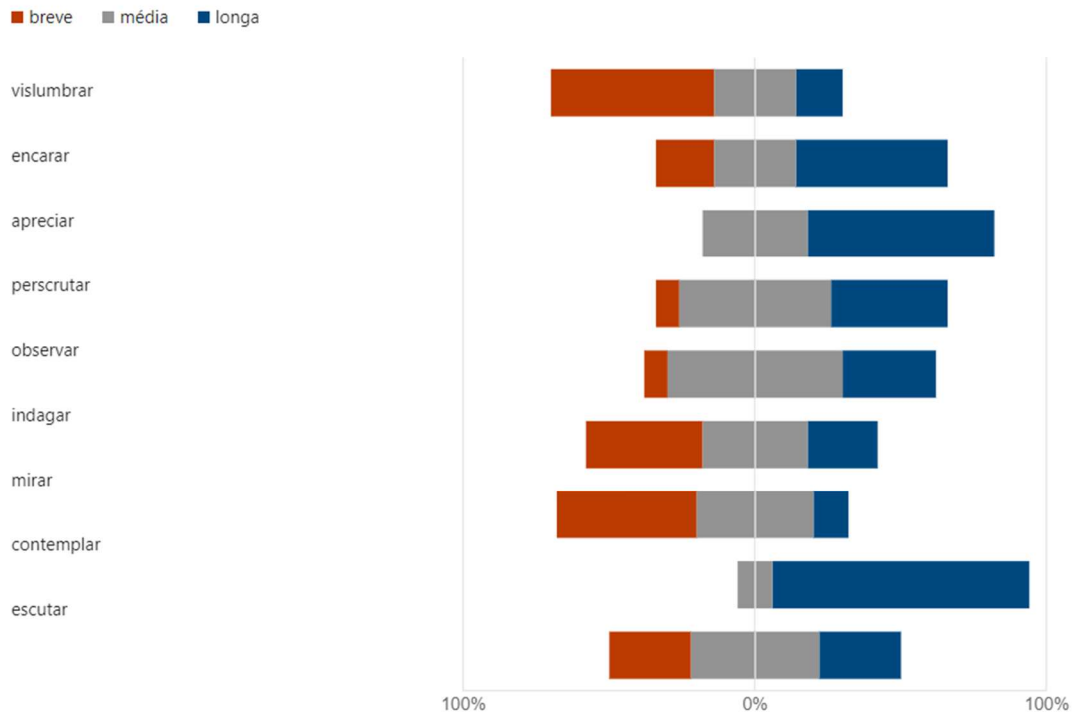


Tabela 9. resposta à pergunta 6 – verbos portugueses

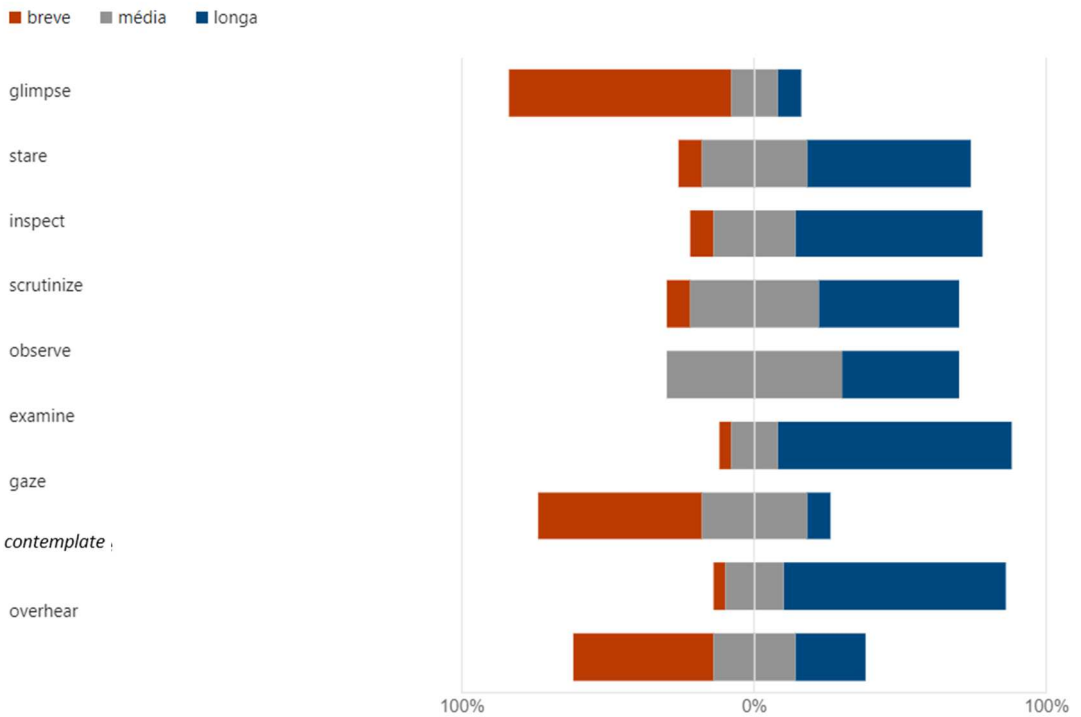


Tabela 10. resposta à pergunta 6 – verbos ingleses

Ao todo, 20 inquiridos acharam que a pergunta 6 era difícil, porque, como um deles observou, "*estou a usar os verbos, mas não a pensar nos seus significados*". Como esperado, apenas 5 inquiridos acharam que a pergunta 6 era fácil.

2.3. Análise dos dados

Como foi referido, realizámos um inquérito sobre os verbos de percepção dirigido a alunos não nativos que estudem português e a tradutores profissionais. O inquérito incluía exercícios sobre o conceito de 'verbos de percepção', exercícios de aplicação e identificação dos verbos e exercícios de tradução. A análise das respostas que anteriormente apresentei permitiu-me identificar os erros mais frequentes e as principais dificuldades com que os alunos e tradutores se depararam, os quais a seguir serão apresentados e analisados.

2.3.1. Análise das questões da Parte A

A Parte A do inquérito tinha por objetivo recolher algumas informações pessoais sobre os inquiridos, assim como a atitude e os hábitos de estudo relativamente às línguas estrangeiras. Como pudemos ver – cf. a tabela "Nacionalidade" p.47 –, os inquiridos são de vários países, e a maioria deles são bilíngues, pelo que, neste caso, teríamos de distinguir entre a interferência entre as duas línguas maternas³³, que pode ser assumida como inexistente, e a interferência entre inglês nativo e português não nativo, que certamente existe e aqui nos motiva.

Quanto à questão sobre a compreensão do que são verbos de percepção, em que a maioria dos participantes os consegue identificar, mas acha essa identificação difícil, a mesma mostrou que a expressão 'verbo de percepção' é estranha para a maioria dos estudantes e até para tradutores profissionais, embora não o seja para linguistas. Claramente, a ignorância sobre a terminologia é compreensível e explica o desconforto de alguns respondentes e os erros de interlíngua recolhidos. A identificação bem-sucedida, por seu lado, mostrou que, embora não saibam qual pode ser a qualificação exata do verbo, os participantes têm uma ideia vaga do que é um verbo que descreve a percepção sensorial. Como esse entendimento é vago, as escolhas interlinguísticas que os participantes fizeram ao selecionar o verbo correto

³³ Cf. Histograma 2.3. p. 47

num determinado cenário foram por vezes erradas. Como mostrado nas respostas da questão 2, as características semânticas de cada verbo foram em regra geral ignoradas pelos participantes, logo, a maioria deles utilizou um verbo de percepção incorreto nos contextos dados, o que explica que as respostas não sejam uniformes. Ao mesmo tempo, queixam-se de que aqueles verbos são difíceis de memorizar e de aplicar apropriadamente.

2.3.2. Análise das questões da Parte B

A Parte B consiste em 4 perguntas centradas na compreensão e interpretações dos verbos de percepção, e representa os dados centrais do inquérito. De acordo com as respostas obtidas, em geral, na pergunta 3, a maioria das participantes podem identificar as frases com um uso errado de verbos com os traços semânticos muito diferentes, mas quando se trata dos verbos que implicam diferenças subtis entre a forma errada e a correta, que muitas vezes se limitam a um ou outro traço semântico, a maioria dos participantes não consegue responder corretamente, mesmo que sejam tradutores profissionais. Como podemos ver nas respostas – cf. histograma 2.8. p.52 –, os erros cometidos pelos alunos não são tão diferentes daqueles cometidos por tradutores, o que significa que anos de estudo e de prática da tradução não contribuem de forma decisiva para compreender melhor a semântica dos verbos de percepção – pelo menos no perfil de falantes Inglês/Português aqui selecionado. Quando comparados com os falantes nativos de português, metade dos participantes identificou as frases incorretas como corretas, o que se explica pelo facto de que, como a versão em inglês do verbo português pode ser usada na frase dada³⁴, os participantes usaram erroneamente a versão em inglês como base para seu julgamento. Como este exemplo sugere, a língua nativa parece aqui determinar e impor a forma verbal na língua estrangeira.

Nas frases da pergunta 4, a maioria dos participantes não consegue identificar corretamente os erros de tradução incluídos. Neste caso preciso, as traduções abrangem propositalmente dois exemplos do verbo português 'olhar', sendo que um deles é traduzido como '*glance*' e o outro como '*stare*'. Como podemos verificar, a 'duração' dos dois verbos em inglês é diferente ('breve' e 'longa', respetivamente), mas a resposta que a maioria dos participantes selecionou na pergunta 6 (o verbo '*stare*') corresponde apenas a uma duração longa. Assim, quando os participantes selecionam propositalmente a duração da ação na tabela, eles podem fazer teoricamente a escolha certa, mas quando está na hora de traduzir,

³⁴ Por exemplo, 'mirar a polícia' e '*aim at the police*'.

a interferência entra em ação. Na verdade, nem '*glance*' nem '*stare*' podem ser traduzidos apenas por '*olhar*' em português, mas, como na mentalidade dos falantes nativos de inglês estas ações são expressas por um verbo simples apenas, os participantes não pensam na adição de um advérbio nos processos de tradução de forma a conservar a integralidade dos traços semânticos dos verbos originais.

Nas frases da pergunta 5, usei de novo propositalmente o verbo '*olhar*' com duas traduções distintas. No cenário da frase 1, o verbo é melhor traduzido por '*olhar*', o que a maioria dos participantes fez corretamente, como esperado, o que indica que quanto menos traços semânticos o verbo tiver (em ambos os lados), maior a probabilidade de os participantes conseguirem traduzi-lo corretamente. É precisamente essa tendência que confirmam as respostas à pergunta 5.2: nesse caso, apenas um inquirido conseguiu selecionar corretamente a resposta correta ("*to eavesdrop*'"), o que mostra que a traduções da expressão "*escutar conversas*", que não corresponde em português a uma lexicalização, equivale no entanto em inglês a um verbo explícito associado a esse sentido restrito. Este erro pode ser um erro de interlíngua³⁵, pois o verbo 'escutar' não é traduzido por '*eavesdrop*' mas por um verbo de interlíngua: '*to listen*'.

A pergunta 6 foi elaborada com base no modelo de Talmy e a *aktionsart* dos verbos³⁶. As respostas à pergunta 6 estão na sua maioria corretas, exceto o verbo '*indagar*' (cf. tabela 3.0. p.55), que pode ser considerado um verbo de percepção epistêmico, ou seja, um verbo cujos traços semânticos são metafóricos, logo mais propensos a serem mal compreendidos do que os verbos de percepção sensoriais, de interpretação literal.

2.3.3. Erros frequentes

Vejamos agora os quatro tipos de erros mais frequentes que os participantes cometeram.

1. O domínio dos conceitos técnicos não é abrangente. Alguns inquiridos não sabem o significado da expressão "verbo de percepção", embora, como se viu, isso não fosse um obstáculo incontornável.
2. Os inquiridos não conseguem distinguir claramente a semântica dos verbos de percepção numa das línguas, logo usam-nos incorretamente nos cenários aplicados no inquérito.

³⁵ Cf. Selinker (1972)

³⁶ Cf. Talmy (2000) e Comrie (1976), parte 1 deste trabalho

3. Os inquiridos não traduziram os verbos de acordo com os seus traços semânticos reais, mas de acordo com aquilo que pensavam ser³⁷, o que fez com que os mesmos fossem geralmente traduzidos incorretamente.
4. Constata-se o uso predominante de tradução literal em detrimento da procura de equivalência.

Como podemos ver e como estes dados sugerem, existem alguns erros cometidos pelos participantes que podem provavelmente ser explicados pela interferência do inglês (língua nativa de quase todos os inquiridos), o que nos permite justificar a escolha do modelo de análise contrastiva da semântica destes verbos de percepção, proposto inicialmente.

2.3.4. Interferência do Inglês

Mesmo para estudantes e tradutores que já possuem um nível bastante elevado de português, é impossível pôr completamente de parte o conhecimento prévio da língua materna (neste caso o inglês) na aprendizagem e tradução de uma língua estrangeira, isso porque, como sugere Weinreich (1957), quanto mais próximas forem duas línguas, maiores serão os riscos de interferência.³⁸ De facto, as interferências que um falante de inglês produz na aprendizagem do português língua estrangeira, ou vice-versa, são mais prováveis e frequentes do que entre sistemas linguísticos completamente diferentes, incluindo aqueles que não usam alfabeto, como japonês ou coreano. Ora, apesar de não coincidir, a semântica dos verbos de percepção em inglês e português é suficientemente próxima para originar fenómenos de interferência léxico-semântica mais ou menos pronunciados.

Como o inglês e o português têm cognatos e de forma geral um léxico greco-latino comum, essa interferência léxico-semântica do inglês no estudo ou na tradução do português não é de ignorar. Alguns dos verbos de percepção em inglês que determinado dicionário declara serem '*iguais*' a um verbo em português, têm na verdade traços semânticos que podem ser '*mais ou menos diferentes*', levando a expressões pouco fluentes ou traduções indesejáveis, insatisfatórias ou até incorretas. Tome-se o verbo '*olhar*' no questionário como exemplo: no dicionário, '*olhar*' pode ser traduzido por vários verbos em inglês, embora muitos deles tenham traços semânticos diferentes³⁹. Por exemplo quando se diz em inglês

³⁷ Cf. Di Pietro, parte 1 deste trabalho; os elementos novos não existem na sua língua materna.

³⁸ Cf. Weinreich, parte 1 deste trabalho.

³⁹ Cf. Katz & Fodor (1963), Lyons (1977)

'to glance at the sea', a expressão refere uma ação rápida que consiste em virar de relance os olhos em direção ao mar e depois voltar o olhar à sua posição original, mas a versão correspondente em português, que seria 'olhar para o mar,' não possui nem o traço semântico de relance, nem o traço semântico 'voltar à sua posição original'. Além disso, a expressão 'olhar para o mar' também poderia ser entendida por um falante de inglês de forma não literal, com base nos verbos alternativos 'stare', 'gaze' e 'glance', como resumido a seguir:

(34.)

- a. *Look at the sea* (tradução literal)
- b. *Stare at the sea*
- c. *Gaze at the sea*
- d. *Glance at the sea*

Contudo, como podemos ver nas equivalências em (35), o verbo 'olhar' não pode expressar e garantir sozinho o significado dos verbos ingleses 'look', 'stare', 'gaze' e 'glance', a menos que advérbios como "fixamente" ou modificadores não oracionais como "de surpresa" sejam adicionados em português:

(35.)

- a. Olhar fixamente para o mar (= "to stare")
- b. Olhar para o mar
- c. Olhar de surpresa para o mar (= "to gaze")
- d. Olhar de relance para o mar (= "to glance")

Um outro exemplo, o verbo de percepção auditiva 'escutar', em 'escutar uma conversa' em (36), poderia em português ser entendido como resumido a seguir:

(36.)

- a. Listen to a conversation
- b. Eavesdrop on a conversation
- c. Overhear a conversation

A versão mais precisa em português será:

(37.)

- | | |
|--|-------------------|
| a. Escutar uma conversa | (="to listen") |
| b. Escutar uma conversa secreta e intencionalmente | (="to eavesdrop") |
| c. Escutar uma conversa acidentalmente | (="to overhear") |

A influência do verbo inglês caracteriza-se, portanto, como sendo um caso de interferência léxico-semântica e aqui traduz-se pela necessidade de acrescentar à frase verbal traduzida termos relativos às modalidades semânticas que o verbo verifica na língua-fonte, mas de que é desprovido na língua-alvo. A não inserção dos modificadores motivada por razões de interferência semântica leva, assim, a uma tradução em português despojada de boa parte da riqueza semântica do verbo-fonte.

3. Conclusão

O conhecimento dos verbos de percepção desempenha, como tivemos ocasião de referir, um papel importante tanto no ensino de uma língua como na sua tradução, pois, além de muito frequentes, são a base para expressar a nossa percepção do mundo. Contudo, a diferença entre os sistemas gramaticais e os campos lexicais do inglês e do português causam uma avultada falta de qualidade nas áreas de ensino e tradução.

Quando se trata das diferentes características semânticas, em português, os verbos de percepção são frequentemente usados em conjunto com um advérbio para expressar uma certa combinação de traços semânticos de percepção, pois, como se viu pela recolha de itens dos *corpora* citados na primeira parte deste trabalho, os verbos de percepção em português existem em número menor do que os em inglês – cf. Anexos nº7 e nº8 pp.84 e 86. Existem, em consequência, duas opções: a primeira consiste em selecionar precisamente um verbo para expressar a percepção, pois um verbo isolado pode dispor, como é o caso em inglês, de todos os traços semânticos para descrever corretamente a percepção do falante; a segunda opção consiste em complementar um verbo com um adjunto adverbial, tal como em português. Quando a versão em inglês corresponde a um verbo com traços semânticos em número reduzido e acompanhado de um advérbio, a tradução literal da frase para o português parece ser uma resposta possível correta, mas quando os traços semânticos do verbo inglês são em número avultado, o mais frequente é não haver em português verbos que traduzam a mesma percepção, pelo que uma tradução literal confundiria o falante de inglês e comprometeria a interpretação final.

Na área do ensino, quando os alunos estão a consultar dicionários relativamente aos verbos de percepção do inglês e à sua tradução para português, ou quando o livro de apoio ou o professor estão a ensinar os verbos um a um, os alunos poderão cometer erros que um falante nativo do português nunca irá cometer. Para a correta compreensão dos traços semânticos dos verbos de percepção, talvez a forma de ensino e os dicionários utilizados tenham de mudar para uma versão mais precisa e prática. Não só os traços semânticos dos pares de tradução são diferentes, mas a estrutura temática das frases em que alguns desses predicados estão pode ter papéis temáticos distintos, como se ilustrou nesta investigação.

Na área da tradução, a tradução literal dos verbos de percepção em cenários como o texto literário não é a melhor solução, pois a percepção de um leitor, quando se trata de tradução literária, é fundamental para, por exemplo, expressar corretamente a intenção do autor e a dimensão psicológica das personagens, pelo que os trabalhos de tradução nessa área podem

acabar com a seleção de um verbo diferente, ou talvez nem um verbo de percepção selecionem, para expressar o sentido original. Contudo, também a tradução baseada na equivalência (Cf. Nida) tem os seus limites, pois os verbos de percepção em inglês e português possuem, como vimos, combinações de traços semânticos diferentes, ou seja, os verbos em questão podem ter um de seus significados com as mesmas características semânticas comuns, mas se os seus outros significados são específicos e a tradução por equivalência exigir que o sentido da tradução seja o mais próximo possível do original, isso pode ser fonte de interferência. De facto, se o tradutor está à procura do sentido original, a versão assim traduzida pode confundir o leitor, porque, em regra geral, os verbos de percepção são polissêmicos. Pelo contrário, se o tradutor precisar de deixar o sentido da tradução o mais fiel possível ao original, como é o caso das traduções técnicas, de contratos ou negociações comerciais, a versão traduzida pode ser mais ambígua e abstrata de entender, por sobrepor muitas interpretações ao original.

De acordo com as respostas ao questionário, estudantes e tradutores cometeram ambos os mesmos erros ao escolher as palavras ou ao traduzir as frases, o que indica que, por mais tempo que passem a estudar o português, as interferências nativas estão sempre presentes. Além disso, outra conclusão é que os estudantes e os tradutores de um verbo de percepção nem sempre devem seguir as traduções dos dicionários, pois, em termos lexicais, não aparenta existir equivalência formal ou literal entre estes verbos. Pelo contrário, existe certamente interferência quando um falante de inglês estuda ou traduz os verbos de percepção do e para o português, e essa interferência não pode ser resolvida pelo tempo de estudo, como vemos nas respostas do questionário.

Para melhor compreender ou corrigir os erros cometidos por causa de fatores de transferência linguística, o método de análise componencial – cf. Talmy (2000) – poderia ser seguido nos manuais de orientação didática, e também nos dicionários e nos manuais de tradução, pois, se os alunos ou tradutores tiverem uma melhor compreensão dos traços semânticos em causa, ou se os verbos de percepção forem apresentados como componentes de uma determinada ação, a escolha de traduções adequadas será justificada na maioria dos casos. Na verdade, como os componentes dos verbos de percepção são universais, ou seja, são os mesmos em português e inglês, a única diferença entre estas línguas é a forma como os traços são lexicalizados. Como vimos, certos traços podem numa língua corresponder a advérbios ou a preposições, mas na outra a verbos, portanto, se o método de análise componencial for implementado, as interferências deste tipo serão mais facilmente resolvidas.

No entanto, o método de análise componencial só se aplica rigorosamente aos verbos de percepção sensorial, sendo problemática a sua aplicação aos verbos de percepção epistémicos (como "*considerar...*" ou "*encarar*"), pois estes últimos são usados de forma metafórica, o que significa que os seus traços semânticos perceptivos não são literais. Ainda existem, relativamente a esta matéria, algumas questões que não se resolveram aqui, pois, presumivelmente, uma metáfora não pode ser dividida em componentes, logo os verbos de percepção metafóricos também são, previsivelmente, difíceis de estudar e traduzir, o que investigação complementar poderia averiguar.

Bibliografia

- Andrews, E., & Tobin, Y. (1996). *Toward a calculus of meaning: Studies in markedness, distinctive features and deixis*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Bauer, L. (1983). *English word-formation*. Cambridge: Cambridge Univ. Press.
- Broadbent, D. E. (1958). *Perception and communication*. Oxford: Pergamon Press.
- Comrie, B. (1976). *Aspect: An introduction to the study of verbal aspect and related problems (Vol. 2)*. Cambridge university press.
- Corder, S. P. (1967). *The Significance of Learners' Errors*. International Review of Applied Linguistics in Language Teaching, 5, 161-170.
- Corder, S. P. (1981). *Error analysis and interlanguage*. London ; New York : Oxford University Press
- Corder, S. P., & Richards, J. C. (1978). Language-learner language. *Language, Communication and Education*, 280.
- Cruse, D. A. (2000). *Meaning in Language*. Oxford University Press
- Dicionário Editora da Língua Portuguesa*, Porto Editora, 2013
- Dicionário Editora de Português-Inglês*, Porto Editora, 2009
- Di Prieto, R. J. (1971). *Language structures in contrast*. Rowley, Mass: Newbury House.
- Dowty, D. R. (1989). *Word meaning and Montague grammar: The semantics of verbs and times in generative semantics and in Montague's PTQ*. Springer Science & Business Media.
- Ducrot, O., Todorov, T., Massano, A. J., & Coelho, E. P. (1991). *Dicionário das ciências da linguagem*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Evans, J. S. B. (2010). *Intuition and reasoning: A dual-process perspective*. Psychological Inquiry, 21(4), 313-326.
- Faber, P. B., & Mairal, U. R. (1999). *Constructing a lexicon of english verbs*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Fauconnier, G. (1997). *Mappings in thought and language*. Cambridge University Press.
- Fries, C. C. (1945). *Teaching and learning English as a foreign language*. University of Michigan Press.
- Garey, H. B. (1957). *Verbal aspect in French*. *Language*, 33(2), 91-110. Linguistic Society of America.
- Gisborne, N. (2010). *The Event Structure of Perception Verbs*. Oxford University Press.
- Goldberg, A. E. (2007). *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: Univ. of Chicago Press.

- Grimshaw, J. (1979). *Complement selection and the lexicon*. *Linguistic inquiry*, 10(2), 279-326.
- Grimshaw, J. (1990). *Argument structure*. Cambridge, Mass. u.a: MIT Press.
- Gruber, J. (1967). Look and See. *Language*, 43, 937.
- Hatch, E., & Brown. S. (1995). *Vocabulary, Semantics, and Language Education*. New York: Cambridge University Press.
- Hjelmslev, L., & Whitfield, F. J. (1943). *Prolegomena to a theory of language*. Madison: University of Wisconsin Press.
- Ilari, R. (2001). *Introdução à semântica – brincando com a gramática* – São Paulo: Contexto.
- Jackendoff, R. S. (1990). *Semantic structures*. Cambridge: The MIT Press.
- Jackson, H. (1988). *Words And Their Meaning*. London and New York: Longman.
- Johnson, M. (1987). *The body in the mind: The bodily basis of meaning, imagination, and reason*. University of Chicago Press.
- Katz, J.J., & Fodor, J.A. (1963). *The structure of a semantic theory*. *Language*, 39, 170-210.
- Katz, J.J. and P.Postal (1964). *An Intergrated Theory of Linguistic Description*, The MIT Press: Cambridge, Mass.
- Kearns, K. (1994). Beth Levin & Steven Pinker (eds.). *Lexical and Conceptual Semantics*. (A Cognition Special Issue) Cambridge, MA and Oxford: Blackwell
- Krzeszowski, T. P. (1990). The axiological aspect of idealized cognitive models. *Meaning and lexicography*, 135-165.
- Lado, R. (1964). *Linguistics across cultures: Applied linguistics for language teachers*. University of Michigan Press.
- Lakoff, G. (1987). *Women, fire, and dangerous things*. U-niversity of Chicago Press, Chicago.
- Lakoff, G. (1990). Cognitive versus generative linguistics: How commitments influence results. *Language and communication*, 1(1).
- Lakoff, G., & Johnson, M. (1980). *Metaphors we live by*. University of Chicago press.
- Landau, B., & Gleitman, L. R. (1985). *Language and experience: Evidence from the blind child*. Harvard University Press.
- Langacker, R. W. (1987). *Foundations of cognitive grammar: Theoretical prerequisites (Vol. 1)*. Stanford university press.
- Leech, G. N. (1971). *Towards a semantic description of English*. London: Longman.
- Leech, G. N. (1990). *Semantics: The study of meaning*. New York : Penguin Books

- Levin, B. (1993). *English Verb Classes and Alternations: A Preliminary Investigation*. Chicago, London: The Univ. of Chicago Press.
- Longman Dictionary Of Contemporary English*, Longman, 2009
- Lyons, J. (1977). *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Mira Mateus M H., A. M. Brito, I. Duarte e I. H. Faria (2003). *Gramática da Língua Portuguesa (Nova edição, revista e aumentada)*. Lisboa: Caminho
- Nida, E. A. (1969). *Componential analysis of meaning: An introduction to semantic structures*. The Hague: Mouton.
- Nida, E.A. and Taber, C.R (1982) *The Theory and Practice Translation*. E.J. Brill, Leiden.
- Palmer, F. R. (1977). *Semantics: A new outline*. Cambridge: Cambridge Univ. Press.
- Peeters, B. (1985). S.G. Pulman. *Word Meaning and Belief*. London: Croom Helm.
- Pelletier, F. J. (1994). The principle of semantic compositionality. *Topoi*, 13(1), 11-24.
- Pustejovsky, J. (2005). Lexical semantics: Overview. *The Encyclopedia of Language and Linguistics* pp. 5775-5798. Brandeis University Press
- Pustejovsky, James (1991). *The Generative Lexicon: A Theory of Computational Lexical Semantics*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Raposo, E. B. P. et alii. 2013. *Gramática do Português*. Lisboa: FCG.
- Rappaport, M. and B. Levin (2015) "The Syntax-Semantics Interface: Semantic Roles and Syntactic Arguments", in S. Lappin and C. Fox, eds., *The Handbook of Contemporary Semantic Theory*, Blackwell, Oxford, 593-634. (Second edition.)
- Rappaport, M. and B. Levin. 1988. *What to do with roles*. In Wilkins, W. 1988. ed. *Syntax and Semantics*, 21. Academic Press.
- Robinson, P., & Ellis, N. C. (Eds.). (2008). *Handbook of cognitive linguistics and second language acquisition (Vol. 270)*. New York: Routledge.
- Saeed, J. I. (2009). *Semantics*. Oxford: Blackwell.
- Santos, D. (1996). *Tense and aspect in English and Portuguese: A contrastive semantical study*. Ph.D. Dissertation, Instituto Superior Técnico, Technical University of Lisbon.
- Saussure, F. (1916). *Course in General Linguistics*. London: Duckworth.
- Schmid, H.-J., & Ungerer, F. (2013). *An introduction to cognitive linguistics*. Harlow: Pearson Longman.
- Selinker, L. (1972). Interlanguage. *Product Information International Review of Applied Linguistics in Language Teaching*, 10, 209-241.
- Shapiro, J. J., & Hughes, S. K. (1996). *Information Literacy as a Liberal Art: Enlightenment Proposals for a New Curriculum*. *Educom Review*, 31.

- Slobin, D. I. (1996). Two Ways to Travel: Verbs of Motion in English and Spanish. In M. Shibatani, & S. A. Thompson (Eds.), *Grammatical Constructions: Their Form and Meaning* (pp. 195-219). Oxford: Clarendon Press.
- Slobin, D. I. (2004). The Many Ways to Search for a Frog: Linguistic Typology and the Expression of Motion Events. In S. Strömquist & L. Verhoeven (Eds.), *Relating events in narrative, Vol. 2. Typological and contextual perspectives* (pp. 219–257). Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Smith, C. S. (1991). *The parameter of aspect*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Talmy, L. (1975). *Figure and Ground in Complex Sentences*. Proceedings of the Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society, 1.
- Talmy, L. (1985). Lexicalization patterns: Semantic structure in lexical forms. *Language typology and syntactic description*, 3(99), 36-149.
- Talmy, L. (1991). *Path to Realization: A Typology of Event Conflation*. Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society, 17, 1, 480.
- Talmy, L. (2000). *Toward a cognitive semantics* (2 vol.). Cambridge, Mass: MIT Press.
- Talmy, L. (2010). *Path to realization: A typology of event conflation*. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton.
- Trier, Jost (1931). *Der deutsche Wortschatz im Sinnbezirk des Verstandes*. Ph.D. dissertation. Bonn.
- Ungerer, F., & Schmid, H.-J. (2013). *An introduction to cognitive linguistics*. London: Routledge.
- Ungerer, F., Schmid, H.-J., & Taylor & Francis. (2006). *An introduction to cognitive linguistics*. New York: Longman.
- Vendler, Z. (1957). Verbs and times. *The philosophical review*, 66(2), 143-160. Duke University Press
- Vendler, Z. (1979). *Linguistics in philosophy*. Ithaca, N.Y: Cornell Univ. Press.
- Weinreich, U. (1970). *Languages in contact: Findings and problems*. The Hague: Mouton.
- Weinreich, U. (2011). *Languages in contact: French, German and Romansch in twentieth-century Switzerland*. Erscheinungsort nicht ermittelbar: Benjamins.
- Whorf, B. L. (1956). *Language, Thought, and Reality: Selected Writings of Benjamin Lee Whorf*. Massachusetts. Institute of Technology: Technology Press.

Webgrafia

Collins Dictionary <https://www.collinsdictionary.com/> (última consulta : 15-05-2022)

Corpus do Português: AGORA <https://www.corpusdoportugues.org/now/> (última consulta : 15-05-2022)

Corpus of Contemporary American English – <https://www.english-corpora.org/coca/> (última consulta : 15-05-2022)

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa <https://dicionario.priberam.org/> (última consulta : 15-05-2022)

Palavra do Dia [https://palavradodia.com/2016/02/29/contemplar/](https://palavradodia.com/2016/02/29/contemprar/) (última consulta : 15-05-2022)

Anexos

Anexo 1

Os verbos perceptivos sensoriais em inglês

Fonte: *Longman Dictionary of Contemporary English (2009)*

Verbos de percepção	Verbos	Definição de dicionário
Verbos de percepção visual	<i>cast</i>	<i>If you cast your eyes or cast a look in a particular direction, you look quickly in that direction.</i>
	<i>contemplate</i>	<i>If you contemplate something or someone, you look at them for a long time.</i>
	<i>crane</i>	<i>If you crane your neck or head, you stretch your neck in a particular direction in order to see or hear something better.</i>
	<i>discern</i>	<i>If you can discern something, you can just see it, but not clearly.</i>
	<i>examine</i>	<i>If you examine something, you look at it carefully.</i>
	<i>eye</i>	<i>If you eye someone or something in a particular way, you look at them carefully in that way.</i>
	<i>eyeball</i>	<i>If you eyeball someone or something, you stare at them.</i>
	<i>gape</i>	<i>If you gape, you look at someone or something in surprise, usually with an open mouth.</i>
	<i>gawk</i>	<i>To gawk at someone or something means to stare at them in a rude, stupid, or unthinking way.</i>
	<i>gawp</i>	<i>to stare stupidly; gape</i>
	<i>gaze</i>	<i>If you gaze at someone or something, you look steadily at them for a long time, for example because you find them attractive or interesting, or because you are thinking about something else.</i>
	<i>glance</i>	<i>If you glance at something or someone, you look at them very quickly and then look away again immediately.</i>
	<i>glare</i>	<i>If you glare at someone, you look at them with an angry expression on your face.</i>
	<i>glimpse</i>	<i>If you glimpse someone or something, you see them very briefly and not very well.</i>
<i>glower</i>	<i>If you glower at someone or something, you look at them angrily.</i>	
<i>goggle</i>	<i>If you goggle at something, you stare at it with your eyes wide open, usually because you are surprised by it.</i>	

<i>inspect</i>	<i>If you inspect something, you look at every part of it carefully in order to find out about it or check that it is all right.</i>
<i>leer</i>	<i>to give an oblique, sneering, or suggestive look or grin</i>
<i>look</i>	<i>to direct the eyes (towards)</i>
<i>observe</i>	<i>If you observe a person or thing, you watch them carefully, especially in order to learn something about them.</i>
<i>ogle</i>	<i>If one person is ogling another, they are continually staring at that person in a way that indicates a strong sexual interest.</i>
<i>peek</i>	<i>If you peek at something or someone, you have a quick look at them, often secretly.</i>
<i>peep</i>	<i>If you peep, or peep at something, you have a quick look at it, often secretly and quietly.</i>
<i>peer</i>	<i>If you peer at something, you look at it very hard, usually because it is difficult to see clearly.</i>
<i>preview</i>	<i>If a journalist previews something such as a film, exhibition, or invention, they see it and describe it to the public before the public see it for themselves.</i>
<i>read</i>	<i>When you read something such as a book or article, you look at and understand the words that are written there.</i>
<i>regard</i>	<i>If you regard someone in a certain way, you look at them in that way.</i>
<i>scan</i>	<i>When you scan written material, you look through it quickly in order to find important or interesting information</i>
<i>see</i>	<i>When you see something, you notice it using your eyes.</i>
<i>sight</i>	<i>If you sight someone or something, you suddenly see them, often briefly.</i>
<i>sightsee</i>	<i>to go about seeing places and things of interest</i>
<i>skim</i>	<i>If you skim a piece of writing, you read through it quickly.</i>
<i>spot</i>	<i>If you spot something or someone, you notice them.</i>
<i>spy</i>	<i>If you spy on someone, you watch them secretly.</i>
<i>squint</i>	<i>If you squint at something, you look at it with your eyes partly closed.</i>
<i>stare</i>	<i>If you stare at someone or something, you look at them for a long time.</i>
<i>survey</i>	<i>If you survey something, you look at or consider the whole of it carefully.</i>
<i>view</i>	<i>If you view something, you look at it for a particular purpose.</i>

	<i>watch</i>	<i>If you watch someone or something, you look at them, usually for a period of time, and pay attention to what is happening.</i>
	<i>witness</i>	<i>If you witness something, you see it happen.</i>
Verbos de percepção auditiva	<i>eavesdrop</i>	<i>If you eavesdrop on someone, you listen secretly to what they are saying.</i>
	<i>hark</i>	<i>to listen carefully</i>
	<i>hear</i>	<i>When you hear a sound, you become aware of it through your ears.</i>
	<i>hearken</i>	<i>to give careful attention; listen carefully</i>
	<i>listen</i>	<i>If you listen to someone who is talking or to a sound, you give your attention to them or it.</i>
	<i>overhear</i>	<i>If you overhear someone, you hear what they are saying when they are not talking to you and they do not know that you are listening.</i>
Verbos de percepção olfativa	<i>smell</i>	<i>If you smell something, you become aware of it when you breathe in through your nose.</i>
	<i>sniff</i>	<i>If you sniff something or sniff at it, you smell it by sniffing.</i>
Verbos de percepção tátil	<i>feel</i>	<i>If you feel an object, you touch it deliberately with your hand, so that you learn what it is like, for example what shape it is or whether it is rough or smooth.</i>
Verbos de percepção gustativa	<i>sample</i>	<i>If you sample food or drink, you taste a small amount of it in order to find out if you like it.</i>
	<i>taste</i>	<i>If you taste some food or drink, you eat or drink a small amount of it in order to try its flavour, for example to see if you like it or not.</i>

Anexo 2

Os verbos perceptivos sensoriais em português

Fonte: Dicionário Editora da Língua Portuguesa (2013)

Verbos de percepção	Verbos	Definição de dicionário
Verbos de percepção visual	atentar	observar com atenção
	antever	ver com antecipação; prever
	apreciar	observar ou estudar (algo) de forma a emitir um julgamento, uma opinião
	avistar	alcançar com a vista
	contemplar	olhar com admiração
	divisar	avistar; ver ao longe
	encarar	olhar de frente ou de cara; olhar a direito; fixar a vista em
	espiar	observar em segredo, com o objetivo de conseguir informações
	espreitar	observar às ocultas; espiar
	examinar	proceder ao exame de; observar; ver
	fitar	fixar a vista em
	inspecionar	fazer inspeção a; vistoriar
	ler	enunciar ou percorrer com a vista ou com os dedos (palavra, texto) procurando interpretar o seu significado
	mirar	fixar a vista em, observar
	observar	olhar com atenção para
	olhar	fixar os olhos em
	presenciar	observar; ver
	prever	ver com antecipação
	reparar	ver com cuidado; atentar (em)
	testemunhar	presenciar; ver
ver	perceber ou conhecer por meio dos olhos	
vigiar	observar de modo secreto ou oculto; espiar; espreitar	
vislumbrar	ver indistintamente	
vistoriar	inspecionar (prédio, instalação, etc.) para verificar se estão satisfeitas as exigências estabelecidas pelas entidades ou organismos competentes	
Verbos de percepção auditiva	auscultar	fazer auscultação a
	escutar	ouvir secretamente uma conversa ou uma comunicação; espionar

	ouvir	perceber pelo sentido da audição
Verbos de percepção olfativa	cheirar	aspirar o cheiro de
	farejar	seguir ou procurar pelo faro
Verbos de percepção tátil	sentir	perceber por meio dos sentidos
Verbos de percepção gustativa	degustar	tomar o gosto a; provar; saborear
	saborear	tomar o sabor de; provar
	provar	degustar para apreciar o sabor

Anexo 3

A frequência dos verbos de percepção (sensoriais e epistêmicos) em inglês

Fonte: *Corpus of Contemporary American English*

Verbo	Frequência	Verbo	Frequência
<i>see</i>	10426283	<i>crane</i>	79296
<i>look</i>	6009766	<i>inspect</i>	63777
<i>read</i>	4146861	<i>peek</i>	63065
<i>feel</i>	3751550	<i>gaze</i>	54527
<i>watch</i>	2425781	<i>stare</i>	40615
<i>view</i>	2420838	<i>contemplate</i>	37917
<i>hear</i>	1428832	<i>glare</i>	24352
<i>spot</i>	1327706	<i>discern</i>	21910
<i>survey</i>	1148297	<i>sniff</i>	21038
<i>eye</i>	1012967	<i>peep</i>	15080
<i>cast</i>	936969	<i>skim</i>	10323
<i>listen</i>	736390	<i>eyeball</i>	7507
<i>regard</i>	562610	<i>ogle</i>	5538
<i>witness</i>	548940	<i>squint</i>	4858
<i>taste</i>	546814	<i>hark</i>	4735
<i>sight</i>	366711	<i>eavesdrop</i>	3790
<i>sample</i>	359287	<i>gawk</i>	2874
<i>examine</i>	222132	<i>overhear</i>	2538
<i>smell</i>	198910	<i>hearken</i>	2130
<i>observe</i>	178954	<i>leer</i>	1964
<i>glimpse</i>	159055	<i>goggle</i>	1518
<i>preview</i>	157028	<i>gape</i>	1334
<i>spy</i>	150059	<i>gawp</i>	840
<i>peer</i>	137248	<i>sightsee</i>	590
<i>scan</i>	134380	<i>glower</i>	473
<i>glance</i>	96772		

Anexo 4

A frequência dos verbos de percepção (sensoriais e epistêmicos) em português

Fonte : Corpus do Português: AGORA

Verbo	Frequência	Verbo	Frequência
ver	456710	vigiar	3069
ouvir	110633	antever	2662
olhar	93832	degustar	2575
ler	85896	avistar	2409
sentir	68303	presenciar	2400
provar	31799	vislumbrar	2063
observar	28581	espreitar	1845
encarar	22312	vistoriar	1470
prever	17990	inspecionar	1313
apreciar	11007	mirar	1311
reparar	8212	cheirar	1256
escutar	7599	espiar	1051
contemplar	6862	auscultar	520
examinar	5353	farejar	278
testemunhar	4204	divisar	85
saborear	3593	fitar	56

Anexo 5

Análise componencial dos verbos de percepção em inglês

verbo	emoção	maneira	propósito	duração	velocidade	ânimo
<i>cast</i>	-	[+olhos]	-	-	[+]	-
<i>contemplate</i>	-	-	-	[+]	-	-
<i>crane</i>	-	[+extensão]	[+melhor]	-	-	-
<i>discern</i>	-	[-clara]	-	-	-	-
<i>examine</i>	-	[+cuidado]	[+atestado]	[+]	-	-
<i>eye</i>	-	[+cuidado]	-	-	-	-
<i>eyeball</i>	[+]	[+cuidado]	-	-	-	-
<i>gape</i>	-	[+boca aberta]	-	-	-	[+surpresa]
<i>gawk</i>	[+]	-	-	-	-	[+rude]
<i>gawp</i>	-	-	-	-	-	[+estúpido]
<i>gaze</i>	[+]	[+fixamente]	[+interesse]	[+]	-	-
<i>glance</i>	-	[+volta]	-	[-]	[+]	-
<i>glare</i>	-	-	-	-	-	[+raiva]
<i>glimpse</i>	-	[-clara]	-	[-]	-	-
<i>glower</i>	[+]	-	-	-	-	[+raiva]
<i>goggle</i>	[+]	[+olho grande]	-	-	-	[+surpresa]
<i>inspect</i>	-	[+cuidado]	[+informação]	-	-	-
<i>leer</i>	[+]	-	-	-	-	[+indecente]
<i>look</i>	-	-	[+informação]	-	-	-
<i>observe</i>	-	[+cuidado]	[+informação]	[+]	-	-
<i>ogle</i>	[+]	[+fixamente]	-	[+]	-	[+sexual]
<i>peek</i>	-	[+segredo]	-	[-]	[+]	-
<i>peep</i>	-	[+quieto]	-	[-]	[+]	-
<i>peer</i>	-	[+forte]	-	-	-	-
<i>preview</i>	-	[+descrição]	[+informação]	-	-	-
<i>read</i>	-	[+palavra]	[+informação]	-	-	-
<i>regard</i>	-	[+]	-	-	-	-
<i>scan</i>	-	-	[+informação]	[-]	[+]	-
<i>see</i>	-	[+olho]	-	-	-	-
<i>sight</i>	-	-	-	[-]	-	-
<i>sightsee</i>	-	[+olhos] [+pé]	[+interesse]	-	-	-
<i>skim</i>	-	[+palavra]	-	[-]	[+]	-

<i>spot</i>	-	[+encontro]	-	-	-	-
<i>spy</i>	-	[+segredo]	-	-	-	-
<i>squint</i>	-	[+meio fechado]	-	-	-	-
<i>stare</i>	-	-	-	[+]	-	-
<i>survey</i>	-	[+cuidado]	-	-	-	-
<i>view</i>	-	-	[+]	-	-	-
<i>watch</i>	-	[+atenção]	-	-	-	-
<i>witness</i>	-	-	[+informação]	-	-	-
<i>eavesdrop</i>	[+]	[+segredo]	[+informação]	-	-	-
<i>hark</i>	[+]	[+cuidado]	-	-	-	-
<i>hear</i>	-	[+ouvidos]	-	-	-	-
<i>hearken</i>	-	[+atenção]	[+informação]	-	-	-
<i>listen</i>	-	[+atenção]	-	-	-	-
<i>overhear</i>	-	-	[+desprevenida]	-	-	-
<i>smell</i>	-	-	-	-	-	-
<i>sniff</i>	-	[+forte]	-	-	-	-
<i>feel</i>	-	-	-	-	-	-
<i>sample</i>	-	[+parcela]	[+informação]	-	-	-
<i>taste</i>	-	-	-	-	-	-

Anexo 6

Análise componencial dos verbos de percepção em português

verbo	emoção	maneira	propósito	duração	velocidade	ânimo
atentar	[+]	[+atenção]	-	-	-	-
antever	-	[+antecipação]	-	-	-	-
apreciar	-	[+opinião]	-	-	-	-
avistar	-	-	[+informação]	-	-	-
contemplar	-	[+cuidado]	[+admiração]	[+]	-	-
divisar	-	[+longo]	-	-	-	-
encarar	-	-	-	[+]	-	-
espiar	-	[+segredo]	-	-	-	-
espreitar	[+]	[+segredo]	-	[-]	[+]	-
examinar	-	[+cuidado]	[+atestado]	[+]	-	-
fitar	[+]	[+fixamente]	[+interesse]	[+]	-	-
inspecionar	-	[+inspeção]	-	[-]	-	-
ler	-	[+palavra]	-	-	-	-
mirar	-	[+cuidado]	-	-	-	-
observar	-	[+cuidado]	[+informação]	[+]	-	-
olhar	-	-	-	-	-	-
presenciar	-	-	[+informação]	-	-	-
prever	-	[+antecipação]	-	-	-	-
reparar	-	[+cuidado]	-	-	-	-
testemunhar	-	-	[+informação]	-	-	-
ver	-	-	-	-	-	-
vigiar	[+]	[+segredo]	-	-	-	-
vislumbrar	-	[-clara]	-	[-]	-	-
vistoriar	-	[+inspeção]	-	-	[-]	-
auscultar	-	[+inspeção]	[+órgão]	-	-	-
escutar	[+]	[+segredo]	[+informação]	-	-	-
ouvir	-	-	-	-	-	-
cheirar	-	-	-	-	-	-
farejar	-	[+força]	-	-	-	-
sentir	-	-	-	-	-	-
degustar	[+]	-	[+informação]	-	-	[+ agradável]
saborear	-	-	-	[+]	-	-
provar	-	-	-	-	-	-

Anexo 7

Verbos de percepção sensoriais e epistêmicos em inglês

Verbos sensoriais	Verbos epistêmicos
<i>cast</i>	<i>appreciate</i>
<i>contemplate</i>	<i>assess</i>
<i>crane</i>	<i>believe</i>
<i>discern</i>	<i>calculate</i>
<i>eavesdrop</i>	<i>catch</i>
<i>examine</i>	<i>check</i>
<i>eye</i>	<i>comprehend</i>
<i>eyeball</i>	<i>confirm</i>
<i>feel</i>	<i>consider</i>
<i>finger</i>	<i>determine</i>
<i>gape</i>	<i>discover</i>
<i>gawk</i>	<i>distinguish</i>
<i>gawp</i>	<i>establish</i>
<i>gaze</i>	<i>estimate</i>
<i>glance</i>	<i>evaluate</i>
<i>glare</i>	<i>fix</i>
<i>glimpse</i>	<i>guess</i>
<i>glower</i>	<i>heed</i>
<i>goggle</i>	<i>imagine</i>
<i>hark</i>	<i>interpret</i>
<i>hear</i>	<i>judge</i>
<i>hearken</i>	<i>know</i>
<i>inspect</i>	<i>learn</i>
<i>leer</i>	<i>mark</i>
<i>listen</i>	<i>note</i>
<i>look</i>	<i>notice</i>
<i>observe</i>	<i>perceive</i>
<i>ogle</i>	<i>prove</i>
<i>overhear</i>	<i>rate</i>
<i>peek</i>	<i>realize</i>
<i>peep</i>	<i>reckon</i>
<i>peer</i>	<i>research</i>

<i>preview</i>	<i>scrutinize</i>
<i>read</i>	<i>settle</i>
<i>regard</i>	<i>study</i>
<i>sample</i>	<i>suppose</i>
<i>scan</i>	<i>test</i>
<i>see</i>	<i>try</i>
<i>sight</i>	<i>understand</i>
<i>sightsee</i>	<i>value</i>
<i>skim</i>	
<i>smell</i>	
<i>spot</i>	
<i>spy</i>	
<i>squint</i>	
<i>stare</i>	
<i>survey</i>	
<i>taste</i>	
<i>touch</i>	
<i>view</i>	
<i>watch</i>	
<i>witness</i>	

Anexo 8

Verbos de percepção sensoriais e epistêmicos em português

Verbos sensoriais	Verbos epistêmicos
antever	advertir
auscultar	aperceber
avistar	apreciar
cheirar	arrostar
contemplar	assistir
degustar	atentar
divisar	avaliar
encarar	certificar
escutar	compreender
espiar	confirmar
espreitar	conhecer
farejar	conjeturar
fitar	considerar
ler	descobrir
mirar	entender
observar	estimar
olhar	examinar
ouvir	experimentar
presenciar	imaginar
prever	indagar
provar	inspecionar
reparar	interpretar
saborear	julgar
sentir	notar
testemunhar	perceber
ver	perscrutar
vigiar	ponderar
vislumbrar	reconhecer
vistoriar	revelar
	visitar

Anexo 9

Respostas ao questionário

Segunda parte: exercícios

(Responde às perguntas seguintes)

----- 1 -----

Pergunta 1

1.1. Nas frases seguintes, decide se existe algum verbo de percepção (sim/não). Em caso afirmativo, transcreve esse verbo.

- a) E, na pérola, viu o rosto de Coyotito inchado e febril com o medicamento.
b) ÀS 18h, eles viram que já era tarde

X Sim (o verbo é:) _____ "viu" _____	<input type="radio"/> Não
--	---------------------------

1.2. Nas frases seguintes, decide se existe algum verbo de percepção (sim/não). Em caso afirmativo, transcreve esse verbo.

- a) Você entendeu o que ele disse?
b) Gostou daquilo que ouviu?

X Sim (o verbo é:) _____ "ouviu" _____	<input type="radio"/> Não
--	---------------------------

----- 2 -----

Pergunta 2

2.1. Completa as frases seguintes com o verbo adequado escolhido de entre os que são listados
Lista: *ver, olhar, apreciar, antever, perscrutar, observar, indagar, mirar, contemplar, examinar.*

- a) É possível que o João não ___ "aprecie" _____ a mensagem quando a ___ "vir" ____
b) "Ainda é cedo para _____ "ver" ____ o filme, ___ "observou" ___ alguém
c) O homem parou, ___ "olhou" _____ para baixo e ___ "contemplou" ___ a paisagem em silêncio.

Pergunta 3

Nas 5 frases a seguir, identifica aquelas cujo verbo te parece estar errado:

- Errado: a) João, tens estado a notar para o mesmo pedaço de papel desde o jantar.
b) Então o senhor mandou-nos observar todos estes estatutos
Errado: c) A Maria não tem nenhum medo de mirar a polícia na rua
Errado: d) Só devia contemplar o Rodrigo para juntar informações ao processo
e) Acho que deveria ouvir esse tipo e não apenas escutá-lo

----- 3 -----

Pergunta 4

4.1. Decida se a tradução (de Inglês para Português) do verbo sublinhado está correta

a) ING - Just glance at them and they're shrieking at the top of their lungs.

b) PT - Basta olhar para eles e estão a gritar a plenos pulmões.

Tradução correta _____

Tradução incorreta ____x____

4.2. Decida se a tradução (de Português para Inglês) do verbo sublinhado está correta

a) PT - Consigo ouvir-te a olhar para a parede.

b) ING - I can hear you staring at the wall from all the way over here.

Tradução correta _____

Tradução incorreta ____x____

Pergunta 5

5.1. Traduz para Português

a) You shouldn't look at the computer screen.

PT : Não devias olhar para o ecrã do computador.

5.2. Traduz para Inglês

a) Não devias andar a escutar conversas

ING : You should not eavesdrop on conversations.

----- 4 -----

Pergunta 6

6.1. Observa a seguinte lista de verbos de perceção em Português : *ver, olhar, apreciar, antever, perscrutar, observar, indagar, mirar, contemplar, examinar.*

Na tabela seguinte, classifica cada verbo em função dos critérios apresentados. O critério de "duração" é relativo ao tempo que a ação do verbo leva a terminar (duração breve, média ou longa)

verbo	duração da ação		
	breve	média	longa
vislumbrar	x		
encarar		x	
apreciar			x
perscrutar		x	
observar			x
indagar			x
mirar		x	
contemplar			x
escutar		x	

6.2. Observa a seguinte lista de verbos de percepção em Inglês : *detect, discern, see, sense, taste, spy, notice, gaze, glance, listen.*

Na tabela seguinte, classifica cada verbo em função dos critérios apresentados. O critério de "duração" é relativo ao tempo que a ação do verbo leva a terminar (duração breve, média ou longa)

verbo	duração da ação		
	breve	média	longa
glimpse	x		
stare		x	
inspect			x
scrutinize		x	
observe			x
examine			x
gaze		x	
contemplate			x
overhear	x		